

UNIVERSIDADE SANTO AMARO - UNISA

Verônica Ribeiro e Andrade

Avaliação do Luto em Tutores de Animais de Estimação a partir da aplicação do
Texas Revised Inventory of Grief (TRIG).

São Paulo/SP

2025

Verônica Ribeiro e Andrade

Avaliação do Luto em Tutores de Animais de Estimação a partir da aplicação do
Texas Revised Inventory of Grief (TRIG).

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Universidade Santo Amaro
de São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Saúde Única
sob orientação do Prof. Dr. Arlei Marcili

São Paulo

2025

A571a Andrade, Verônica Ribeiro e
Avaliação do luto em tutores de animais de estimação a partir da aplicação do Texas Revised Inventory of Grief (TRIG) / Verônica Ribeiro e Andrade. – São Paulo, 2025.

108 p. : il., P&B.
Orientador: Prof. Dr. Arlei Marcili.

Dissertação. (Mestrado em Saúde Única) - Universidade Santo Amaro, 2025.

Bibliografia incluída.

1. Relação homem-animal. 2. Morte por perda de animal de estimação.
3. Luto. I. Marcili, Arlei. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

CDD 158.1

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Natália Carrillo Gaeta

Prof. Dra. Tatiana Cristina Silva

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Arlei Marcili pelo incentivo e aposta no projeto deste mestrado, o que tornou possível que ele acontecesse. Agradeço pela competência e conhecimento compartilhado, assim como pela confiança depositada em mim.

Aos professores do Programa de Mestrado em Saúde Única da Universidade Santo Amaro (UNISA), pelo olhar humanizado e colaborativo, integrando as diversidades pessoais e profissionais ao programa. Em especial, à coordenadora Adriana Cortez, pelo cuidado e sensibilidade durante esses dois anos. Obrigada!

Aos colegas da UNISA que compartilharam essa trajetória, em especial à Águida, pela escuta nos momentos de desabafo e nas dificuldades enfrentadas. Enfim, conseguimos.

À Prof. Dra. Marilu Gioso, pela ajuda imprescindível na parte estatística deste trabalho.

Agradeço à Bia, minha companheira, por toda paciência e por ter acreditado que seria possível – e foi! Obrigada pela parceria e apoio ao longo desse processo.

À Bia, Vico e Nena, agradeço pela ajuda com as tabelas e formatações. Vocês foram essenciais para que este trabalho ganhasse forma.

Ao meu pai, Flávio, que me inspira e me dá forças para nunca desistir. Que é fonte de um amor inenarrável, que reverbera no que me proponho a fazer e onde quer que eu esteja.

Às minhas irmãs, Dinha e Nena, por serem minhas grandes referências e estarem ao meu lado em todos os momentos. Vocês são minhas inspirações. Amo vocês!

À minha mãe espiritual, Sol (*in memoriam*), que é luz e cor vibrante, e que me ensinou a tornar mais leve a vida, mesmo em momentos difíceis.

À minha mãe, Tania (*in memoriam*), que me ensinou a trilhar meu próprio caminho. Mesmo na ausência física, você vive em mim todos os dias.

Por fim, ao Tiago, meu afilhado, pela alegria, carinho e amor demonstrados de forma tão genuína. Dinda, você me inspira a tentar ser um pouco melhor todos os dias.

Resumo

ANDRADE, Verônica. Avaliação do Luto em Tutores de Animais de Estimação a partir da aplicação do *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG). 2025. Dissertação (Mestrado em Saúde Única) – Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo, 2025.

Esta dissertação investiga a intensidade do luto por perda de animais de estimação, utilizando o *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG) adaptado ao contexto das famílias multiespécies. A pesquisa foi realizada com abordagem quantitativa e contou com 965 respostas. O estudo revelou que o luto prolongado foi o padrão predominante em 72,02% da amostra geral, com destaque para espécies como cães (68,49%), gatos (82,16%), aves (90,91%) e roedores (85,71%). Esses achados ressaltam a profundidade do vínculo emocional estabelecido entre humanos e animais, independentemente da espécie, e demonstram a relevância de reconhecer socialmente o luto por animais de estimação como uma experiência legítima e significativa. O estudo destaca a relevância de compreender o impacto emocional do vínculo humano-animal e a importância de intervenções psicológicas para apoiar os indivíduos no processo de elaboração da perda. Embora apresente limitações, como a ausência de dados qualitativos, a pesquisa expande o debate sobre o luto por animais de estimação e promove uma abordagem mais humanizada e inclusiva das famílias multiespécies. Sua contribuição é significativa para o campo das ciências sociais e da saúde, ao oferecer uma perspectiva abrangente e inovadora sobre a complexidade do luto em diversos contextos.

Palavras-chave: Relação homem-animal. Vínculo. Morte por perda de animal de estimação. Luto.

Lista de Tabelas

Tabela 1	– Característica da Amostra com Relação à Espécie do Animal de Estimação. São Paulo, 2024.	28
Tabela 2	– Características sociodemográficas dos participantes da pesquisa. São Paulo, 2024.	30
Tabela 3	– Características Atribuídas em Relação ao Óbito do Animal de Estimação, São Paulo, 2024.	32
Tabela 4	– Características em Relação ao Óbito e Variáveis Relacionadas ao Vínculo. São Paulo, 2024.	33
Tabela 5	– Distribuição dos participantes, segundo as questões que compõem a Parte I do TRIG, que relacionam sentimentos e ações ocorridos nos momentos próximos à morte do animal de estimação. São Paulo, 2024.	34
Tabela 6	– Distribuição dos participantes, segundo as questões que compõem a Parte II do TRIG, que explora sentimentos atuais do enlutado em relação ao animal de estimação que morreu. São Paulo, 2024.	35
Tabela 7	– Distribuição do número dos respondentes, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	37
Tabela 8	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “cachorro”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	38
Tabela 9	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “gato”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	38
Tabela 10	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “aves”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	38
Tabela 11	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “roedores”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	39
Tabela 12	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “coelho”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	39
Tabela 13	– Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “outros”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.	39
Tabela 14	– Consistência interna geral da Parte I e Parte II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.	40

Tabela 15 –	Consistência interna de todas as sentenças da Parte I do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.	40
Tabela 16 –	Consistência interna de todas as sentenças da Parte II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.	41
Tabela 17 –	Consistência interna de cada espécie das Partes I e II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.	42

Lista de Figuras

Figura 1 –	Relação hipotética dos padrões de ajustamento de luto em relação às Partes I e II do questionário Texas Revised of Grief (TRIG).	26
-------------------	--	----

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Relação Homem-Animal.....	9
1.2 Família Multiespécie.....	11
1.3 O Processo do Luto.....	13
1.4 Luto Não-Reconhecido	15
2. JUSTIFICATIVA.....	20
3. OBJETIVO GERAL	21
4. METODOLOGIA.....	22
4.1 Procedimento de Abordagem da População Estudada.....	22
4.1.1 Amostra de Participantes e Critérios de Elegibilidade e Exclusão dos Sujeitos.....	23
4.2 Aspectos Sociodemográficos e Variáveis Relacionadas ao Óbito	24
4.3 Questionário TRIG (<i>Texas Revised Inventory of Grief</i>).....	25
5. RESULTADOS	28
5.1 Amostra de Participantes.....	28
5.1.1 Característica da Amostra com Relação à Espécie do Animal de Estimação.....	28
5.1.2 Caracterização Sociodemográfica da Amostra	29
5.1.3 Caracterização em Relação às Variáveis do Óbito da Amostra	30
5.2 Descrição das Respostas Obtidas na Aplicação do <i>Texas Revised of Grief</i> (TRIG)....	33
5.3 Descrição dos Padrões de Ajustamento ao Luto.....	37
5.4 Avaliação da Consistência Interna.....	39
5.5 Descrição das opiniões, desabafos e/ou sugestão dos respondentes	42
6. DISCUSSÃO.....	46
7. CONCLUSÃO	59
8. REFERÊNCIAS.....	60
9. ANEXOS.....	67
Anexo 1 - Aspectos Sociodemográficos e Variáveis Relacionadas ao Óbito.....	67
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	71
Anexo 3 - Inventário <i>Texas Revised Inventory of Grief</i> adaptado para a língua portuguesa	74
Anexo 4 - Inventário <i>Texas Revised Inventory of Grief</i> adaptado para a língua portuguesa com Adaptações para Luto por Perda de Animal de Estimação	80
Anexo 5 – Tabela referente às descrições das opiniões, desabafos e/ou sugestão dos respondentes.	87

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1 Relação Homem-Animal

A relação entre homem-animal existe desde o princípio da humanidade e tem se transformado ao longo do tempo. Na pré-história o homem utilizava o animal para proteger o território, realizar caças e como transporte (Caetano, 2010), sendo uma forma de sobrevivência (Hart, 1985). No entanto, algumas culturas começaram a desenvolver laços mais estreitos com os animais, não apenas como utilitários, mas como companheiros (Hyland, 2003; Serpell, 1996).

No Renascimento, os cães começaram a ser tratados como animais de companhia entre as classes mais altas, especialmente em países como Inglaterra e França, onde o conceito de "cão de colo" surgiu (Serpell, 1996). Além disso, com o processo de domesticação - principalmente de cães, os humanos passaram a incluir os animais em suas vidas diárias e, mais recentemente, foram se tornando companheiros afetivos (Serpell, 1996). Os gatos começaram a se aproximar de assentamentos humanos para caçar roedores, sendo tolerados pelos humanos por sua utilidade no controle de pragas. Com o tempo, os gatos foram aceitos nas casas e começaram a desenvolver um relacionamento mais íntimo com os humanos (Driscoll et al., 2009).

Archer, em 1997, constatou que o número de animais de estimação nas residências das pessoas de todas as classes sociais era cada vez maior nos centros urbanos. Os dados de 2013 apresentados pela ABINPET (Associação Brasileira da Indústria para Animais de estimação), apontam que o Brasil é o quarto colocado do mundo quando o assunto é animal de estimação, com 132 milhões. Em relação ao ranking por espécie referente a esse período, temos em primeiro lugar cães (52,2 milhões), aves (37,9 milhões) e gatos (22,1 milhões). Já em 2022, segundo os dados da ABINPET, o Brasil era o terceiro maior país do mundo a apresentar população pet, sendo quase 160 milhões de animais de estimação. Os primeiros lugares no ranking por espécie são, respectivamente, cães (60 milhões), aves (40 milhões) e gatos (30 milhões). Os dados mostram um aumento, aproximadamente, de 21% no número total de animais de estimação no Brasil no período de 9 anos.

Delarissa (2003) aborda, no decorrer da sua tese, alguns motivos para o crescimento do número de animais domésticos, sendo eles a busca de senso de segurança, de entretenimento e companhia, e o desejo veemente de contato, de comportamento protetor e de troca emocional. O fato de existir menos contatos sociais e maior solidão nas cidades, e a busca de prazer na relação com outro ser vivo, também são fatores que implicam nesse aumento (Archer,1997). Os animais de estimação, portanto, além de oferecerem companhia incondicional em momentos de sofrimento, estresse e isolamento social, desempenham um papel importante na promoção da interação entre as pessoas, contribuindo para a redução da solidão (Gómez, Atehortúa e Orozco, 2007).

O afeto e a convivência que são construídos durante a relação estabelecida, têm influência para que se desenvolva o processo de antropomorfismo (Young, 1985), fenômeno que é definido pela atribuição de características ou comportamentos humanos a animais não-humanos, deuses ou objetos (Soanes e Stevenson, 2005). Esse processo se faz presente uma vez que o animal doméstico passou a ser considerado membro da família ou até mesmo que é inserido no sistema familiar como forma de substituir a figura de um filho ou de outros familiares (Faraco e Seminotti, 2004). Esse fato é corroborado por Charles e Davies (2008), que afirmam que a sociedade passou a ver esses animais não só como utilitários, mas como membros da família. Nesse sentido, o antropomorfismo é aceito quando o funcionamento fisiológico e biológico do animal é preservado (Hart, 1978; Rossi, 2006; Fuck, Fuck, Delarissa e Curt, 2006); porém, quando esse fenômeno se manifesta de maneira exagerada, pode ser nocivo para o animal e para o ser humano, sendo cientificamente reprovado (Hart, 1978; Fuck, Fuck, Delarissa e Curt, 2006).

Na atualidade, considera-se que há um vínculo entre o ser humano e o animal de estimação que, como nos vínculos entre humanos, têm variações na intensidade com base na relação que é construída. A inclusão dos animais em rotinas e rituais familiares, como momentos de lazer e cuidados específicos com saúde e alimentação, destaca o quanto eles se tornam centrais na dinâmica emocional e funcional da família (Gazzana & Schmidt, 2015). Os animais, muitas vezes, substituem as crianças (Vieira, 2019). A partir da interação e da convivência, os responsáveis pelos animais, passam a amar e se sentir amados, reconhecidos e aceitos como são; sendo assim, o animal fornece um bem-estar para o humano e ainda lhe dá um sentido para viver, uma vez

que precisa ser cuidado (Oliveira, 2013). Ainda nessa direção, Fuchs (1987), aponta como uma das mais relevantes vantagens da convivência entre homem-animal de estimação, a disponibilidade de afeto que é vista como previsível e que não tem fim.

Os aspectos supramencionados fazem parte do processo de construção do conceito de "famílias multiespécies", que abrange a ideia de que os animais ocupam um papel central nas dinâmicas afetivas humanas (Irvine, 2004).

1.2 Família Multiespécie

O conceito de "família", assim como a relação entre o homem-animal, foi se modificando com o tempo. A denominação de família era estabelecida a partir da consanguinidade e grau de parentesco, já atualmente é considerada e definida através do grau de afinidade e coabitação, o que implica em diversas configurações familiares possíveis (Prá, 2013). Tal conceito abrange arranjos plurais, que consideram a proximidade, a intimidade e os vínculos afetivos, relegando a consanguinidade a um papel secundário (Macedo, 2008).

No cenário contemporâneo, observa-se uma redefinição do conceito de 'família' e de suas diversas formas de expressão em consequência das diferentes configurações sociais emergentes, tais como famílias monoparentais, binucleares, homoafetivas, multiespécie, entre outras (Gazzana e Schmidt, 2015).

A configuração intitulada 'multiespécie', é considerada por Faraco (2008) e Knebel (2012) como uma família composta por pessoas que agregam os animais de estimação e os legitimam como membros da família. Segundo Santos (2008), os animais de estimação são equivalentes no que tange o afeto aos filhos humanos. Existe um movimento ascendente no que diz respeito a legitimar a família multiespécie como detentora de direitos (Aguiar e Alves, 2021), uma vez que essa seja reconhecida como uma configuração familiar dos tempos atuais (Geisser et. al., 2017).

Os Projetos de Lei 7196/10 e 221/2023 trazem à tona a tentativa de assegurar que os animais de estimação sejam reconhecidos enquanto parte de um sistema familiar. Apesar disso, o primeiro projeto de lei aqui citado, que propunha regulamentar a guarda de animais de estimação em casos de dissolução litigiosa de união conjugal, está atualmente arquivado na Câmara dos Deputados; e o segundo, que prevê a

ausência de um dia do trabalhador ao serviço em caso de morte de cachorro ou gato de estimação, ainda está em tramitação.

O Projeto de Lei 221/2023 tem como ementa:

Altera o art. 453 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a fim de permitir a ausência ao serviço no caso de falecimento de cão ou gato de estimação, devidamente comprovado por estabelecimento responsável em atestar o óbito dos mesmos ou por médico veterinário registrado em Conselho Regional de Medicina Veterinária (Brasil, 2023).

O termo “Projeto de Lei” significa que a lei ainda precisa passar por aprovação no poder legislativo e posterior sanção do poder executivo para que assim entre em vigor; portanto, ambos projetos de leis supracitados, ainda não foram aprovados e não estão vigentes atualmente.

Os Projetos de Lei 7196/10 e 221/2023 se configuram como um marco para a sociedade, em especial para as famílias multiespécies, uma vez que busca reconhecer a importância, o papel e a função do animal de estimação na vida das pessoas. Apesar disso, limita a definição de animais de estimação exclusivamente a cães e gatos, o que acarreta na exclusão de outras espécies que também desempenham funções de companhia e afeto no contexto familiar. Essa restrição implica em não legitimar o sofrimento dos responsáveis pelo animal de estimação uma vez que desconsidera a diversidade de espécies que são considerados de estimação, uma vez que reduz a pluralidade das relações e vínculos entre humano-animal.

Aspectos anteriormente citados esbarram nos conceitos de “vínculo afetivo” e “apego”, que foram estudados por Bowlby. Segundo Bowlby (1969), o vínculo afetivo é caracterizado por interações constantes e significativas, que promovem um sentido de segurança e confiança, ou ainda como um sistema que facilita a proteção, a segurança e o desenvolvimento emocional do indivíduo. Bowlby também define o apego como um laço emocional profundo que conecta uma pessoa a outra, sustentado por interações consistentes que promovem segurança e confiança. Este vínculo tem uma função adaptativa, pois facilita proteção e sobrevivência, sendo especialmente ativado em situações de perda ou ameaça (Bowlby, 1980). Além disso,

o apego é mediado por comportamentos de busca por proximidade e conforto, características que são centrais em relações afetivas.

No contexto da relação entre humanos e animais de estimação, o conceito de apego também se aplica. Estudos sugerem que essa relação pode ser interpretada dentro do mesmo sistema de apego, em que o tutor busca no animal suporte emocional e segurança, enquanto o animal responde às necessidades humanas com sinais de afeto e proximidade (Serpell, 1996; Faraco, 2008). Essa interação cria uma base segura que proporciona bem-estar emocional ao tutor, especialmente em momentos de adversidade (Ainsworth, 1993).

Pesquisas apontam que animais de estimação, como cães e gatos, desempenham papéis sociais e afetivos equivalentes aos de membros da família, assim, reforça o vínculo através de comportamentos como contato físico, atenção e responsividade emocional (Beck & Katcher, 1996). Desse modo, a perda de um animal de estimação pode ativar intensamente o sistema de apego do seu responsável, e desencadear reações emocionais complexas e comparáveis à perda de um ente humano querido (Parkes, 1998; Oliveira, 2013).

Em seus estudos, Parkes (1998, 2009, 2011) ressalta que o luto é o preço que pagamos pelo amor. Com a perda do animal de estimação, o amor e a convivência também deixam de existir (Franco e Oliveira, 2015). Nesse contexto, o apego formado em famílias multiespécies se revela crucial para a compreensão do processo de luto que se manifesta com a perda de um animal de estimação. Ao considerar que o vínculo afetivo foi construído ao longo da convivência entre ser humano e animal de estimação, a ausência deste pode gerar um impacto significativo no bem-estar emocional dos indivíduos que compartilham essas relações.

1.3 O Processo do Luto

O luto é descrito como uma experiência universal e multifacetada, manifestando-se de maneira única para cada indivíduo. Ele envolve respostas emocionais, cognitivas e comportamentais frente à perda de um vínculo significativo (Parkes, 1998; Worden, 1998), e é considerado por Bromberg (2000) um processo com um conjunto de reações a uma perda significativa.

O luto é um processo que tem início em circunstâncias nas quais perdas significativas por morte acontecem ou em contextos em que, mesmo sem haver uma morte concreta, a perda tem o mesmo impacto (Kovács, J., 2020). Bowlby (1969, 1973, 1980, 2004) compreende o luto como uma resposta ao rompimento do vínculo afetivo, o qual implica em um afastamento do indivíduo do objeto significativo, seja pela perda por morte, separação ou afastamento.

A perda significativa implica em uma ruptura na relação de forma definitiva e, como consequência, demandam do indivíduo formas de se adaptar e elaborar esse “novo mundo” (conceituado como Mundo Presumido por Parkes, 1998) - agora sem a figura com a qual se estabelecia um vínculo afetivo. Neste sentido, Parkes (1998) elucida o processo do luto como uma transição psicossocial, ou seja, há transformações em diversas dimensões: na esfera pessoal, na dinâmica familiar, social e econômica, entre outros âmbitos que afetam o enlutado.

O luto, portanto, é também um processo de ajustamento a uma nova realidade que foi advinda pela perda que provoca reações, sentimentos e uma desorganização em decorrência da quebra do mundo presumido (Casellato, 2020), sendo este definido como um mundo já conhecido, organizado, seguro e previsível (Parkes, 1998).

Se faz necessário enfatizar que o luto é uma reação complexa, dinâmica, subjetiva e singular, tal qual é um processo normal e esperado na elaboração de qualquer perda (Casellato, 2005), ou seja, uma resposta natural à ausência de alguém ou algo significativo (Strauch, 2017). Reiterando essa ideia, Bowlby (1969, 1980) destacou que o luto é uma resposta natural à ruptura de vínculos de apego. Segundo sua teoria, a perda de uma figura de apego ativa o sistema de apego, desencadeando comportamentos de busca e sentimentos de ansiedade e tristeza. O luto é, portanto, um processo de reorganização emocional no qual o indivíduo gradualmente aceita a ausência do ente querido e aprende a viver em um mundo modificado. Bowlby também observou que o luto pode variar em intensidade dependendo da qualidade e profundidade do vínculo, o que explica por que a perda de animais de estimação, frequentemente considerados membros da família, pode ter grande impacto emocional.

Além dos autores e dos conceitos supracitados, diferentes teorias foram desenvolvidas para compreender a complexidade e as diversas manifestações, assim como as estratégias adaptativas e de enfrentamento do luto. Entre essas, o Modelo Dual do Luto, proposto por Stroebe e Schut (1999), destaca que o processo de luto envolve uma alternância entre o enfrentamento da perda, focado nas emoções e na dor, e o enfrentamento da restauração, que prioriza a adaptação a novas rotinas e papéis. Já Worden (1998) introduziu o conceito das Tarefas do Luto, que são: 1) aceitar a realidade da perda - reconhecer que a perda é definitiva e irreversível; 2) processar a dor do luto - vivenciar e expressar os sentimentos gerados pela perda, como tristeza, raiva e saudade; 3) ajustar-se a um mundo sem a presença do ente perdido - adaptar-se à nova realidade, desenvolvendo novos papéis e rotinas; e 4) encontrar formas de continuar a vida mantendo um vínculo simbólico com o que foi perdido.

Essas abordagens oferecem perspectivas complementares sobre como os indivíduos vivenciam e elaboram suas perdas, assim como fornecem uma base para interpretar o luto em suas múltiplas dimensões, e são fundamentais para a compreensão da importância que o luto tem para a obtenção de sentido pessoal em relação à perda, sendo potente na adaptação do enlutado ao mundo que irá se deparar.

1.4 Luto Não-Reconhecido

Em qualquer sociedade existe um sistema de normas e regras, sejam elas morais, de valores, de convivência. Há também regras de luto que ditam *quem, quando, onde, como, por quanto tempo e por quem devemos* expressar sentimentos de luto ou pesar (Doka, 1989), o que leva a uma exigência da sociedade em relação aos comportamentos esperados que muitas vezes contrariam as vontades individuais (DaMatta, 1997). Nesse sentido, as regras de luto podem não corresponder à natureza do apego, ao senso de perda ou aos sentimentos dos enlutados (Casellato, 2005). É a partir dessa perspectiva que emerge o conceito de luto não-reconhecido.

Como o próprio nome retrata, o luto não-reconhecido diz respeito ao luto que não é autorizado e reconhecido, sendo silenciado devido às barreiras sociais que são

impostas. Doka (1989, 2002) elenca cinco motivos que implicam o processo do luto não reconhecido:

1) O relacionamento não é reconhecido.

A perda é de uma pessoa que não faz parte do cerne familiar ou o indivíduo estabelece uma relação que não é validada socialmente. Exemplos: homossexuais, filhos adotivos (pela perda dos pais biológicos), amigos, animais de estimação.

2) A perda não é reconhecida.

Este motivo trata das perdas que não são consideradas socialmente como significativas; Exemplos: aborto, adoecimento, incapacitações físicas. Doka (1989) elenca ainda neste tópico a “perda social”, que se explica quando a pessoa está viva, mas é vista como morta. Exemplos: perda de status, mutilações, mudança de um país/cidade/estado para outro.

3) O enlutado não é reconhecido.

A sociedade pondera que a pessoa não tem necessidade de se enlutar ou mesmo não é capaz de estar enlutada. Exemplo: crianças, pessoas com doença mental, profissionais da saúde.

4) A morte não é reconhecida.

São as mortes que a sociedade condena como incoerentes. Exemplos: homicídio, morte por doenças estigmatizadas.

5) Modo de enlutar-se e o estilo de expressão do pesar não são validados socialmente.

Socialmente acredita-se que ao perder um filho, seus pais devem chorar compulsivamente, demonstrando desespero e dificuldade na compreensão da morte. Quando os pais se apresentam calmos e serenos, há um estranhamento da sociedade, que julga como inadequado tal forma de se expressarem.

Oliveira (2013) considera, ainda, que o luto por perda do animal de estimação não é autorizado por três razões: pois a sociedade não reconhece o enlutado pela morte do animal; como enlutado que não valida suas emoções; e porque o relacionamento e a perda não são legitimados. Corrobora com essa perspectiva, o fato de que a sociedade não acolhe de forma adequada o sofrimento dos adultos que

vivenciam a perda de seus animais de estimação (Beck e Katcher, 1996; Fuchs, 1987; Quackenbuch e Graveline, 1988).

A partir do aspecto social do luto diante do conceito aqui abordado, Doka (2002) reforça que as regras da sociedade irão determinar os sentimentos e reações esperadas diante da situação de perda, estabelecendo o que seria ou não compreensível e aceitável. Tal fato proporciona uma reflexão acerca dos fatores de risco desencadeados pela vivência do luto de forma isolada, que favorece que o responsável pelo animal deixe de expressar os sentimentos suscitados pela perda. Como consequência desse silenciamento, manifestações vêm à tona por meio de sintomas físicos, psicológicos e comportamentais (Casellato, 2005).

Rando, em 1993, menciona reações que são esperadas diante da perda. No que diz respeito aos sentimentos, é possível perceber choque, tristeza, culpa, raiva solidão, agitação, ansiedade, fadiga, anseio, desejo de estar com a pessoa que morreu, desamparo e alívio; no que tange as sensações físicas, tem-se aperto no peito, falta de ar, susceptibilidade a doenças, falta de energia, sensação de despersonalização; já os aspectos cognitivos, são percebidos por confusão, descrença, pensamentos obsessivos, déficit de memória e concentração, sensação de presença e alucinações; e, por fim, as manifestações comportamentais, como distúrbio de sono, hiperatividade e agitação, perda/aumento de apetite, aumento no consumo de álcool, fumo e psicotrópicos, isolamento social, procurar e chamar pela pessoa, além de sonhos com o falecido.

Em sua dissertação, Oliveira (2013), elenca as reações emocionais manifestadas pelos participantes do seu estudo, a saber: entorpecimento, ansiedade de separação, culpa, raiva/protesto e depressão. Essas reações corroboraram com as expressões de luto por morte de pessoas já elencadas acima.

Gilbert (1996) destaca que o luto não reconhecido apresenta características que agravam seu impacto, como o estigma social, que leva o enlutado a sentir-se envergonhado por sua perda não legitimada. Esse processo muitas vezes resulta em segredo e isolamento, à medida que o enlutado evita compartilhar sua dor para preservar o sigilo. Além disso, a ausência de rituais de despedida, fundamentais para

a elaboração do luto, impede a expressão de crenças e sentimentos associados à perda e priva o enlutado de um espaço comunitário de apoio.

Outro aspecto é a repressão emocional, onde o pesar é negado ou suprimido, o que dificulta a expressão de sentimentos como tristeza, culpa, raiva e solidão. Esse sufocamento pode intensificar e prolongar as reações emocionais e contribuir para o surgimento de reações características do luto complicado. Em alguns casos, problemas legais e econômicos relacionados à perda podem agravar ainda mais o sofrimento.

Segundo Casellato (2005), a falta de reconhecimento social do luto representa um fator de risco significativo para o desenvolvimento de agravamentos emocionais, incluindo o luto complicado (luto prolongado). Quando o processo de luto não é validado ou amparado socialmente, os enlutados não encontram espaço para manifestar seu pesar, uma vez que falar sobre suas emoções diante da perda também ocasiona em uma resposta social ainda mais negativa. Tanto o silenciamento quanto a ausência de acolhimento podem agravar o sofrimento.

É imprescindível também discutir que o luto por animais de estimação é um processo emocionalmente marcante e que pode se prolongar por anos. No entanto, o luto não necessariamente termina ou é resolvido de maneira definitiva; em vez disso, ele pode ser integrado à vida do enlutado, transformando o vínculo com o ente perdido e permitindo que este continue a fazer parte de sua história (Klass, Silverman e Nickman, 1996). Os autores propõem que, ao contrário de modelos tradicionais, que enfatizavam o rompimento completo dos laços com o falecido como uma resolução saudável do luto, a manutenção de laços simbólicos é natural e adaptativa. Esses vínculos podem ser preservados por meio de memórias, rituais ou narrativas que continuam a dar significado à perda. Assim, o luto não é um estado a ser superado, mas um processo contínuo que se transforma ao longo do tempo, integrando a perda à vida cotidiana.

De maneira geral, a ruptura de vínculos de apego desencadeia um processo de luto, que demanda do indivíduo estratégias de enfrentamento para promover a reorganização psíquica e a elaboração da perda. Dessa forma, compreender as especificidades do luto no contexto de famílias multiespécies, em que os animais de

estimação assumem papéis com significado afetivo, torna-se essencial. Este estudo busca avaliar a intensidade do luto dos indivíduos que enfrentaram a perda de seus animais de estimação, utilizando o *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG), com o intuito de ampliar o entendimento sobre a experiência do luto, assim como contribuir para o reconhecimento desse processo.

JUSTIFICATIVA

2. JUSTIFICATIVA

O fortalecimento e estreitamento da relação entre o humano e animal de estimação é muito presente na atualidade, o que implicou nas mudanças das configurações familiares. Hoje, denomina-se família multiespécie o arranjo familiar que é composto tanto por humanos quanto por animais de estimação, no qual há vínculo e afeto na relação. Isso posto, é importante pensar nos impactos que emergem da perda de um animal de estimação para a família multiespécie, uma vez que o animal assume o papel de membro familiar.

Ainda são poucos os estudos sobre o luto por perda de animal de estimação no Brasil, e ainda mais escassos os trabalhos quantitativos que contemplem um número grande de participantes. Conseqüentemente, com a falta de informação, é possível observar que há um grande estigma acerca da temática, o que tem impacto direto com os cuidados que são propostos para os tutores que se encontram em sofrimento devido a perda do animal de estimação, assim como dificulta a criação de políticas públicas preventivas e protetivas para o indivíduo em sofrimento legítimo. Portanto, este trabalho visa (des)construir o luto pela perda do animal de estimação, proporcionando quebra de estigmas e potencializando os cuidados devidos para os enlutados; isso será feito através avaliação da intensidade do luto em responsáveis que perderam o seu animal de estimação, a partir da aplicação do *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG).

OBJETIVO

3. OBJETIVO GERAL

Avaliar a intensidade do luto de pessoas que lidam com a morte do seu animal de estimação em famílias multiespécies através do *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG).

METODOLOGIA

4. METODOLOGIA

Esta dissertação foi desenvolvida com uma abordagem quantitativa, a partir da adaptação do questionário *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG) para o contexto da perda por animal de estimação e, posteriormente, a aplicação do mesmo.

Além do TRIG, foram formulados e aplicados os questionários que abordam sobre os aspectos sociodemográficos e variáveis relacionadas ao óbito.

O questionário foi submetido e aprovado pela Plataforma Brasil (nº 6.523.730) e pelo Comitê de Ética da Universidade Santo Amaro (UNISA).

A escolha por uma abordagem quantitativa permitiu a mensuração das intensidades de luto com base nas respostas padronizadas obtidas pelos respondentes, o que garantiu objetividade e comparação entre os dados. No entanto, é importante destacar que, embora o questionário tenha fornecido informações de grande relevância, ele não capturou o relato pessoal e subjetivo dos participantes em relação à sua experiência de luto. Esta limitação será abordada na discussão, considerando a importância de integrar perspectivas qualitativas em futuras pesquisas.

4.1 Procedimento de Abordagem da População Estudada

O questionário TRIG foi disponibilizado na modalidade online (Google Forms), sendo este compartilhado através de plataformas de redes sociais com a população em geral, que poderia se identificar ou não com o público do estudo.

Antes de responder ao questionário, o respondente deveria assentir com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1). Caso não concordasse com o termo, não deveria prosseguir com o questionário.

Após assentir com o TCLE, o respondente era sinalizado sobre a importância de responder sobre apenas um animal de estimação, mesmo que tivesse perdido mais de um. A seguinte frase foi mencionada: “É importante que você pense em apenas **um animal** de estimação que tenha perdido para responder o questionário. Caso você

tenha perdido mais de um animal de estimação, você poderá responder novamente se desejar.”.

Ao dar seguimento, o participante se deparou com a seguinte pergunta: “você já perdeu um animal de estimação?”; em caso positivo, dar-se-ia a possibilidade de continuar com o questionário; em caso negativo, o questionário seria encerrado.

Com a finalidade de identificar as espécies que são consideradas como animal de estimação, o participante seguia para a segunda pergunta: “Qual o animal de estimação que morreu?”, com as opções:

- a) Cachorro
- b) Gato
- c) Cobra
- d) Calopsita
- e) Coelho
- f) Cágado
- g) Outros - escreva

Após responder às perguntas supracitadas, o respondente deu seguimento para responder aos questionários que abordaram sobre aspectos socioeconômicos e variáveis em relação ao óbito e, posteriormente, responderam o TRIG. Ao finalizar o formulário, o participante teve acesso a um espaço livre para compartilhar comentários, sugestões e/ou fazer desabafos, se desejasse. Depois, o formulário deveria ser enviado e, então, encerrado.

4.1.1 Amostra de Participantes e Critérios de Elegibilidade e Exclusão dos Sujeitos

Qualquer pessoa tivesse acesso ao link, poderia responde-lo. No total, foram obtidas 1019 respostas.

Critérios de inclusão: participantes que concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), responderam “sim” para a pergunta “Você já perdeu um animal de estimação?” e deram seguimento ao questionário até o final.

Além disso, o questionário indicava que as respostas deveriam ser dadas apenas em relação a um animal de estimação que houvesse morrido e, em caso de perda de mais de um animal, deveria ser respondido mais de uma vez.

Esse procedimento deve-se ao fato de que cada processo de luto é único.

Critérios de exclusão: participantes que concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), mas responderam “não” para a pergunta “Você já perdeu um animal de estimação?”; participantes que responderam a partir da referência da perda de mais de um animal de estimação (que escreveram no plural ou mais de uma espécie).

Sendo assim, os dados trabalhados neste estudo serão referentes aos participantes que concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), responderam “sim” para a pergunta “Você já perdeu um animal de estimação?”, deram seguimento ao questionário até o final e responderam referente a uma única perda; totalizando uma amostra de 965 participantes.

4.2 Aspectos Sociodemográficos e Variáveis Relacionadas ao Óbito

Considerando o luto como um processo multifatorial, Faschingbauer (1981) leva em consideração no questionário os aspectos sociodemográficos e as seguintes variáveis relacionadas ao óbito (Oliveira, 2013):

1. Qual a sua nacionalidade?
2. Você tem alguma religião?
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual a sua renda mensal?
5. Você mora em zona rural ou zona urbana?
6. Com qual gênero você se identifica?
7. Idade do animal no momento do óbito.
8. Tipo de morte
9. Como o animal de estimação se classificaria na relação:
10. Número de animais de estimação quando perdeu o seu
11. Número atual de animais de estimação
12. Vínculo com o animal de estimação que morreu
13. Tempo transcorrido da morte

O questionário abordado acima está descrito com suas especificações, incluindo as alternativas de cada sentença, no Anexo 2 deste trabalho.

4.3 Questionário TRIG (*Texas Revised Inventory of Grief*)

O questionário *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG) foi adaptado e validado para o português por Elizabeth Nunes de Barros em 2008 (Anexo 3), em sua dissertação de mestrado. Tal instrumento é originário de Faschingbauer et al. (1977, 1987). O TRIG é um instrumento utilizado para avaliar a intensidade das reações de luto desencadeadas pela morte de um ente querido (Barros, 2008).

O questionário TRIG contém vinte e um itens que são segmentados em duas partes:

- Primeira parte: “Past Behavior” (Comportamento Passado), elenca oito itens que estão relacionados aos sentimentos e comportamentos provocados próximo à morte;
- Segunda parte: “Present Feelings” (Sentimentos do Presente), descreve treze itens que dizem respeito aos sentimentos atuais do enlutado em relação à morte.

Os itens foram respondidos de acordo com a escala *likert* de pontos, que variam de 1 a 5 pontos para cada resposta (1 ponto: completamente falso; 2 pontos: mais falso que verdadeiro; 3 pontos: nem verdadeiro nem falso; 4 pontos: mais verdadeiro que falso; 5 pontos: completamente verdadeiro).

Oliveira (2013), explica e descreve como o escore do questionário é calculado, a saber:

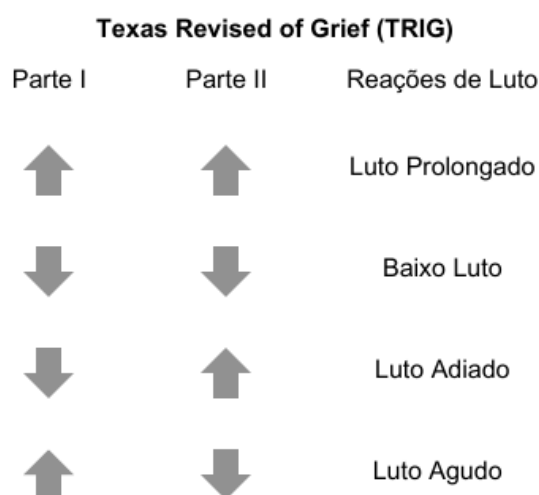
O escore é calculado somando-se as oito questões da Parte I da escala. Esta escala varia de 8 a 40 pontos e é usada como medida de luto inicial. Da mesma forma, o escore da Parte II é obtido somando-se as treze questões, cuja variação é de 13 a 65 pontos. Esta é usada como medida de luto tardio. Escores mais altos significam maior intensidade de pesar ou luto, ao passo que os escores mais baixos significam menor intensidade. Os escores obtidos nas duas escalas permitem um esquema de classificação de luto, onde cada parte pode ser categorizada como sendo de luto elevado ou de baixo luto, de acordo com a mediana do grupo (Oliveira, 2013).

A partir do levantamento dos pontos e da relação entre as partes I e II do questionário, é possível avaliar e classificar os tipos de padrões de ajustamento ao luto, proposto por Faschingbauer (1981).

- Grupo 1: indivíduos cuja pontuação é alta (acima ou igual do percentil 50), em ambas as escalas, são classificados como tendo reação de luto prolongado;
- Grupo 2: os que têm pontuação baixa (abaixo do percentil 50), em ambas as escalas, são classificados como apresentando baixa reação de luto ou ausência de luto;
- Grupo 3: pontuação baixa (abaixo do percentil 50) na escala de comportamento passado, e alta (acima ou igual do percentil 50) na de sentimentos do presente, coloca o respondente como tendo uma reação de luto adiado;
- Grupo 4: os que apresentam pontuação alta (acima ou igual do percentil 50) em comportamento do passado, e baixa (abaixo do percentil 50) em sentimentos do presente, são classificados como sendo do grupo de luto agudo.

A figura abaixo (Figura 1), formulada por Oliveira (2013), representa a relação hipotética entre as Partes I e II do questionário TRIG e a classificação dos padrões de ajustamento ao luto proposta por Faschingbauer (1981):

Figura 1 - Relação hipotética dos padrões de ajustamento de luto em relação às Partes I e II do questionário *Texas Revised of Grief* (TRIG).



Como esta dissertação tem a intenção de avaliar a intensidade do luto pela perda do animal de estimação, foram realizadas adaptações no questionário para que seja possível aplicá-lo aos tutores que vivenciaram a experiência da perda. Apesar da

tentativa de contato com a autora da tradução para possível troca acerca do estudo aqui apresentado, com a finalidade de explicar a motivação e importância do trabalho, não foi obtido sucesso. O Anexo 4 deste trabalho diz respeito ao questionário com as modificações realizadas; estas estão em negrito para que possam ser mais facilmente identificadas.

A relevância desse trabalho para a Psicologia e para a Medicina Veterinária se dá a partir do reconhecimento do impacto pela perda do animal de estimação para os tutores, além de apresentar uma importância significativa para a sociedade em geral, uma vez que aponta para a necessidade do cuidado ao luto, proporcionando a criação de políticas públicas.

RESULTADOS

5. RESULTADOS

5.1 Amostra de Participantes

A amostra do estudo em questão foi composta por 965 participantes.

5.1.1 Característica da Amostra com Relação à Espécie do Animal de Estimação

Ao compreender a necessidade de identificar as espécies que são consideradas como animal de estimação, a segunda pergunta do formulário era “Qual o animal de estimação que morreu?”. Na análise das respostas obtidas (Tabela 1), foi observado que a maioria dos participantes relatou a perda de cães (cachorro), com um total de 714 respostas, correspondendo a 73,99% do total. Os gatos também apresentaram um número significativo de menções, totalizando 185 respostas, o que representa 19,17%. Em menor escala, foram registradas 22 respostas (2,28%) para aves (agapórnis, calopsita, papagaio do congo, papagaio, pássaro, rosella), 14 respostas (1,45%) para coelhos, 21 respostas (2,18%) para roedores (hamster, rato twister, roedor, porquinho da índia) e 9 respostas (0,93%) para a categoria “outros” (bode, cágado, cavalo, peixe, peixe ornamental).

Tabela 1 - Característica da Amostra com Relação à Espécie do Animal de Estimação. São Paulo, 2024.

Espécie de animal de estimação que morreu	n.	%
Aves	22	2,28
Cão	714	73,99
Coelho	14	1,45
Gato	185	19,17
Roedor	21	2,18
Outros	9	0,93
Total	965	100

5.1.2 Caracterização Sociodemográfica da Amostra

As características sociodemográficas da amostra estão descritas na Tabela 2. Nota-se que a amostra de participantes da pesquisa é predominantemente brasileira, com 99,59% dos indivíduos sendo de nacionalidade brasileira, e a distribuição de gênero revela uma forte maioria feminina, representando 82,59% da amostra, enquanto os homens correspondem a 16,99%. Em relação à religião, a maior parte dos participantes, 68,91%, se identificou como religiosos, e no que tange a variável escolaridade, evidencia-se uma alta qualificação acadêmica, com 26,63% dos participantes com ensino superior completo e 25,60% com pós-graduação. A renda mensal dos participantes é diversificada, com uma proporção significativa ganhando acima de R\$9.885,00 (22,59%) e uma distribuição variada nas faixas de renda inferiores. A grande maioria reside em área urbana (94,51%), contrastando com apenas 5,49% que vivem em zona rural.

Tabela 2 - Características sociodemográficas dos participantes da pesquisa. São Paulo, 2024.

Variável	Categoria	n.	%
Nacionalidade	Brasileiro	961	99,6%
	Estrangeiro	4	0,4%
Gênero	Feminino	797	82,6%
	Masculino	164	17,0%
	Prefiro não dizer	4	0,4%
Religião	Sim	665	68,9%
	Não	300	31,1%
Escolaridade	Educação infantil	1	0,1%
	Ensino Fundamental	2	0,2%
	Ensino Médio	74	7,7%
	Ensino Superior Completo	257	26,6%
	Ensino Superior Incompleto	211	21,9%
	Mestrado	104	10,8%
	Pós-graduação	247	25,6%
	Doutorado	69	7,2%
Renda Mensal	De R\$ 0,00 a R\$ 1.412,00	138	14,3%
	De R\$ 1.413,00 a R\$ 2.824,00	145	15,0%
	De R\$ 2.825,00 a R\$ 4.236,00	163	16,9%
	De R\$ 4.237,00 a R\$ 5.648,00	99	10,3%
	De R\$ 5.649,00 a R\$ 7.060,00	88	9,1%
	De R\$ 7.061,00 a R\$ 8.472,00	70	7,3%
	De R\$ 8.473,00 a R\$ 9.884,00	44	4,6%
	Acima de 9.885,00	218	22,6%
Localidade	Zona Rural	53	5,5%
	Zona Urbana	912	94,5%
Total Geral		965	100,0%

5.1.3 Caracterização em Relação às Variáveis do Óbito da Amostra

A análise das variáveis relacionadas ao óbito está dividida nas Tabelas 3 e 4. A Tabela 3 é composta por 4 categorias, sendo duas com características em relação ao tempo de vida do animal e transcorrido desde a sua morte, e as demais referem-

se ao número de animais que os participantes tinham no momento do óbito e quanto eles têm atualmente. Em relação à idade dos animais no momento do óbito, observa-se que a maioria dos animais morreu com mais de 14 anos (23,42%). Entre os animais que faleceram antes dos 14 anos, o número de participantes é bem distribuído, com maior incidência na faixa etária de 12 a 13 anos (9,64%) e menor proporção entre 3 a 4 anos (2,59%). Quanto ao número de animais na residência no momento da perda, a maioria dos participantes não tinha outro animal de estimação na época (37,41%), seguido por aqueles com dois animais (16,68%) e um animal (14,61%). Na categoria número atual de animais, nota-se que 25,18% dos participantes possuem um único animal, enquanto 20,52% têm dois, e 16,37% não têm animais atualmente. Na quarta categoria, que aborda sobre o tempo transcorrido desde a morte do animal, mostra que a maioria dos participantes perdeu seu animal há mais de 5 anos (33,37%), com uma menor proporção de perdas recentes, como nos últimos 3 meses (8,19%).

A Tabela 4, apesar de também abordar sobre características em relação ao óbito, traz à tona variáveis relacionadas ao vínculo do participante com o animal de estimação. Assim, os dados revelam que 57,62% dos participantes viam o animal de estimação como um "animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho)", enquanto 26,32% o descreviam como "muito querido" e 14,82% afirmaram que o animal era "tudo na sua vida". Apenas 1,24% mencionaram que o animal era "só um animal de estimação". Quanto ao tipo de morte, 46,32% dos animais faleceram de forma "inesperada/repentina", 29,43% foram eutanasiados, e 22,80% tiveram uma morte "esperada". Outros tipos de morte (doença, ataque de outro animal, câncer, cobra) foram mencionados por 1,45% dos participantes.

Tabela 3 - Características Atribuídas em Relação ao Óbito do Animal de Estimação, São Paulo, 2024.

Variável	Categoria	n.	%
Idade do animal no momento do óbito	Até um ano	38	3,94%
	1 a 2 anos	52	5,39%
	2 a 3 anos	53	5,49%
	3 a 4 anos	25	2,59%
	4 a 5 anos	42	4,35%
	5 a 6 anos	33	3,42%
	6 a 7 anos	41	4,25%
	7 a 8 anos	32	3,32%
	8 a 9 anos	41	4,25%
	9 a 10 anos	59	6,11%
	10 a 11 anos	62	6,42%
	11 a 12 anos	79	8,19%
	12 a 13 anos	93	9,64%
	13 a 14 anos	89	9,22%
	Acima de 14 anos	226	23,42%
Número de animais na residência quando perdeu o seu	1	141	14,61%
	2	161	16,68%
	3	109	11,30%
	4	66	6,84%
	5	32	3,32%
	Acima de 5	95	9,84%
	Não tinha outro animal de estimação quando perdi o meu.	361	37,41%
Número atual de animais de estimação	1	243	25,18%
	2	198	20,52%
	3	126	13,06%
	4	72	7,46%
	5	51	5,28%
	Acima de 5	117	12,12%
	Não tenho animais de estimação atualmente.	158	16,37%
Tempo transcorrido da morte	Nos últimos 3 meses	79	8,19%
	De 3 a 6 meses atrás	49	5,08%
	De 6 a 9 meses atrás	38	3,94%
	De 9 a 12 meses atrás	59	6,11%
	De 1 a 2 anos atrás	147	15,23%
	De 2 a 5 anos atrás	271	28,08%
	Há mais de 5 anos atrás	322	33,37%
Total Geral		965	100,00%

Tabela 4 - Características em Relação ao Óbito e Variáveis Relacionadas ao Vínculo. São Paulo, 2024.

Variável	Categoria	n.	%
Vínculo com o animal que faleceu	Era só um animal de estimação	12	1,2%
	Era tudo na minha vida	143	14,8%
	Era um animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho)	556	57,6%
	Era um animal muito querido	254	26,3%
Tipo de morte	Através da Eutanásia	284	29,4%
	Esperada	220	22,8%
	Inesperada/Repentina	447	46,3%
	Outros	14	1,5%
Total Geral		965	100,0%

5.2 Descrição das Respostas Obtidas na Aplicação do *Texas Revised of Grief (TRIG)*

As respostas obtidas nas Partes I e II do TRIG estão dispostas nas Tabelas 5 e 6, respectivamente.

A Parte I (Tabela 5) refere-se ao Comportamento Passado, sendo as sentenças 2, 4 e 8 com os maiores índices no que tange a afirmação como completamente verdadeira. São elas: "Foi difícil trabalhar bem depois que este animal morreu (389 participantes/40,31%)"; "Senti grande necessidade de fazer coisas que fazia com o animal que morreu" (302 participantes/31,30%); "Foi difícil dormir depois que este animal morreu (331 participantes/34,30%).

Tabela 5 - Distribuição dos participantes, segundo as questões que compõem a Parte I do TRIG, que relacionam sentimentos e ações ocorridos nos momentos próximos à morte do animal de estimação. São Paulo, 2024.

Sentimentos e ações ocorridos nos momentos após a morte deste animal	Comportamento passado					Total
	Completamente falso	Mais falso do que verdadeiro	Nem verdadeiro nem falso	Mais verdadeiro que falso	Completamente verdadeiro	
	n. (%)	n. (%)	n. (%)	n. (%)	n. (%)	
1. Depois da morte deste animal foi difícil conviver com determinadas pessoas.	425 (44)	99 (10,3)	182 (18,9)	118 (12,2)	141 (14,6)	965 (100,0)
2. Foi difícil trabalhar bem depois que este animal morreu.	116 (12)	93 (9,6)	159 (16,5)	208 (21,6)	389 (40,3)	965 (100,0)
3. Depois da morte deste animal, eu perdi o interesse na minha família, amigos e atividades fora de casa.	432 (44,8)	152 (15,8)	178 (18,4)	133 (13,8)	70 (7,3)	965 (100,0)
4. Senti grande necessidade de fazer coisas que fazia com o animal que morreu.	221 (22,9)	118 (12,2)	173 (17,9)	151 (15,6)	302 (31,3)	965 (100,0)
5. Depois que este animal morreu, fiquei irritado(a) mais do que de costume sem motivo.	294 (30,5)	127 (13,2)	193 (20)	156 (16,2)	195 (20,2)	965 (100,0)
6. Eu não consegui dar conta das minhas atividades de rotina nos primeiros três meses depois da morte deste animal.	290 (30,1)	151 (15,6)	156 (16,2)	196 (20,3)	172 (17,8)	965 (100,0)

7. Fiquei bravo(a) porque o animal que morreu me abandonou.	744	(77,1)	67	(6,9)	67	(6,9)	40	(4,1)	47	(4,9)	965	(100,0)
8. Foi difícil dormir depois que este animal morreu.	167	(17,3)	109	(11,3)	149	(15,4)	209	(21,7)	331	(34,3)	965	(100,0)

A Parte II (Tabela 6) do questionário TRIG é composta por 13 questões associadas aos sentimentos atuais dos participantes em relação à morte do animal de estimação. Ao considerar a resposta completamente verdadeira como referência, nota-se um percentual expressivo nas sentenças 1, 2, 4, 5, 8, 11, 13, a saber: "Ainda choro quando penso no animal que morreu" (318 participantes/33%); "Ainda fico triste quando penso no animal que morreu" (586/60,7%); "Às vezes sinto muita falta do animal que morreu" (636/65,9%); "Ainda hoje é doloroso lembrar do animal que morreu" (51,6%); "Na minha vida, ninguém vai ocupar o lugar do animal que morreu" (485/50,3%); "Pessoas e coisas ao meu redor ainda me fazem lembrar do animal que morreu" (367/38%); "Às vezes, ainda sinto vontade de chorar pelo animal que morreu" (342/35,40%).

Tabela 6 – Distribuição dos participantes, segundo as questões que compõem a Parte II do TRIG, que explora sentimentos atuais do enlutado em relação ao animal de estimação que morreu. São Paulo, 2024.

Sentimentos em relação à morte deste animal, atualmente	Sentimentos do presente					Total						
	Completa mente falso	Mais falso do que verdadeiro	Nem verdadeiro nem falso	Mais verdadeiro que falso	Completa mente verdadeiro							
	n. (%)	n. (%)	n. (%)	n. (%)	n. (%)							
1. Ainda choro quando penso no animal que morreu.	237	(24,6)	90	(9,3)	131	(13,6)	189	(19,6)	318	(33)	965	(100,0)
2. Ainda fico triste quando penso no animal que morreu.	62	(6,4)	48	(5)	98	(10,2)	171	(17,7)	586	(60,7)	965	(100,0)
3. Não consigo aceitar a morte deste animal.	488	(50,6)	145	(15)	150	(15,5)	86	(8,9)	96	(9,9)	965	(100,0)

4. Às vezes sinto muita falta do animal que morreu.	43	(4,5)	39	(4)	99	(10,3)	148	(15,3)	636	(65,9)	965	(100,0)
5. Ainda hoje é doloroso lembrar do animal que morreu.	94	(9,7)	78	(8,1)	114	(11,8)	181	(18,8)	498	(51,6)	965	(100,0)
6. Estou preocupado(a) de tanto que eu penso no animal que morreu.	654	(67,8)	130	(13,5)	123	(12,7)	37	(3,8)	21	(2,2)	965	(100,0)
7. Controlo o choro quando penso no animal que morreu.	353	(36,6)	121	(12,5)	156	(16,2)	140	(14,5)	195	(20,2)	965	(100,0)
8. Na minha vida, ninguém vai ocupar o lugar do animal que morreu.	186	(19,3)	61	(6,3)	140	(14,5)	93	(9,6)	485	(50,3)	965	(100,0)
9. Não consigo parar de pensar no animal que morreu.	574	(59,5)	167	(17,3)	137	(14,2)	57	(5,9)	30	(3,1)	965	(100,0)
10. Acho injusto que este animal tenha morrido.	363	(37,6)	82	(8,5)	120	(12,4)	115	(11,9)	285	(29,5)	965	(100,0)
11. Pessoas e coisas ao meu redor ainda me fazem lembrar do animal que morreu.	139	(14,4)	116	(12)	156	(16,2)	187	(19,4)	367	(38)	965	(100,0)
12. Sou incapaz de aceitar a morte deste animal.	649	(67,3)	106	(11)	108	(11,2)	61	(6,3)	41	(4,2)	965	(100,0)
13. Às vezes, ainda sinto vontade de chorar pelo animal que morreu.	246	(25,5)	101	(10,5)	111	(11,5)	165	(17,1)	342	(35,4)	965	(100,0)

5.3 Descrição dos Padrões de Ajustamento ao Luto

Os padrões de ajustamento ao luto foram feitos a partir da relação entre as Partes I e II do questionário TRIG. As tabelas abaixo fazem essa descrição, sendo a Tabela 7 referente aos dados gerais (todas as espécies) e as tabelas subsequentes estão separadas por espécies, a saber: Tabela 8 – cachorro; Tabela 9 – gato; Tabela 10 – aves; Tabela 11 – roedores; Tabela 12 – coelho; Tabela 13 – outros. Em todas as espécies foi observado que houve, tanto de prevalência de luto prolongado (cachorro 68,49%; gato 82,16%; aves 90,91%; roedores 85,71%; coelho 78,57%; outros 55,56%). Na espécie cachorro o percentual de luto adiado foi 13,03%, seguido por baixo luto (11,06%) e com menor percentual o luto agudo (7,42%). Os respondentes que lidaram com a morte de gatos, os percentuais foram 7,03% em relação ao luto agudo, 6,49% para luto adiado e 4,32% para baixo luto. Sobre os participantes que viveram a morte de aves, temos o percentual de 9,09% que apresentaram baixo luto. A espécie de roedores demonstrou 9,52% de luto adiado e 4,76 de luto agudo. Os respondentes da espécie coelho tiveram 14,29% de baixo luto e 7,14% de luto adiado. Por fim, na categoria “outros”, apresentou-se o mesmo percentual (22,22%) para os padrões de luto adiado e baixo luto. Alguns padrões de ajustamento ao luto tiveram percentual zerado, a saber: aves – luto adiado e luto agudo; roedores – baixo luto; coelho – luto agudo; outros – luto agudo.

Tabela 7 - Distribuição do número dos respondentes, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

GERAL		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	695	72,02%
Luto Adiado	110	11,40%
Luto Agudo	67	6,94%
Baixo Luto	93	9,64%
Total	965	100,00%

Tabela 8 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “cachorro”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

CACHORRO		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	489	68,49%
Luto Adiado	93	13,03%
Luto Agudo	53	7,42%
Baixo Luto	79	11,06%
Total	714	100,00%

Tabela 9 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “gato”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

GATO		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	152	82,16%
Luto Adiado	12	6,49%
Luto Agudo	13	7,03%
Baixo Luto	8	4,32%
Total	185	100,00%

Tabela 10 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “aves”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

AVES		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	20	90,91%
Luto Adiado	0	0,00%
Luto Agudo	0	0,00%
Baixo Luto	2	9,09%
Total	22	100,00%

Tabela 11 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “roedores”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

ROEDORES		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	18	85,71%
Luto Adiado	2	9,52%
Luto Agudo	1	4,76%
Baixo Luto	0	0,00%
Total	21	100,00%

Tabela 12 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “coelho”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

COELHO		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	11	78,57%
Luto Adiado	1	7,14%
Luto Agudo	0	0,00%
Baixo Luto	2	14,29%
Total	14	100,00%

Tabela 13 – Distribuição do número dos respondentes que perderam o animal da espécie “outros”, no que tange os padrões de ajustamento ao luto. São Paulo, 2024.

OUTROS		
Padrões de Ajustamento	n.	Porcentagem
Luto Prolongado	5	55,56%
Luto Adiado	2	22,22%
Luto Agudo	0	0,00%
Baixo Luto	2	22,22%
Total	9	100,00%

5.4 Avaliação da Consistência Interna

A consistência interna foi avaliada utilizando o programa Jeffreys's Amazing Statistics Program (JASP), empregando o coeficiente Alfa de Cronbach como medida estatística.

Os resultados indicaram que o Alfa de Cronbach para a Parte I do TRIG foi de 0,827, enquanto para a Parte II foi de 0,898 (Tabela 14). Esses valores evidenciam uma boa consistência interna em ambas as partes do instrumento.

Além disso, foi avaliada a consistência de cada sentença de ambas as partes do questionário (Tabelas 15 e 16), assim como realizada apreciação do Alpha de Cronbach para cada segmento de espécie (Tabela 17), e todas apresentaram resultado satisfatório.

Tabela 14 - Consistência interna geral da Parte I e Parte II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.

Alpha de Cronbach	
Geral TRIG Parte I	0,827
Geral TRIG Parte II	0,898

Tabela 15 - Consistência interna de todas as sentenças da Parte I do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.

Sentimentos e ações ocorridos nos momentos após a morte deste animal	Alpha de Cronbach
1. Depois da morte deste animal foi difícil conviver com determinadas pessoas.	0,883
2. Foi difícil trabalhar bem depois que este animal morreu.	0,803
3. Depois da morte deste animal, eu perdi o interesse na minha família, amigos e atividades fora de casa.	0,790
4. Senti grande necessidade de fazer coisas que fazia com o animal que morreu.	0,831
5. Depois que este animal morreu, fiquei irritado(a) mais do que de costume sem motivo.	0,795
6. Eu não consegui dar conta das minhas atividades de rotina nos primeiros três meses depois da morte deste animal.	0,789
7. Fiquei bravo(a) porque o animal que morreu me abandonou.	0,831
8. Foi difícil dormir depois que este animal morreu.	0,799

Tabela 16 - Consistência interna de todas as sentenças da Parte II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.

Sentimentos em relação à morte deste animal, atualmente.	Alpha de Cronbach
1. Ainda choro quando penso no animal que morreu.	0,883
2. Ainda fico triste quando penso no animal que morreu.	0,890
3. Não consigo aceitar a morte deste animal.	0,887
4. Às vezes sinto muita falta do animal que morreu.	0,892
5. Ainda hoje é doloroso lembrar do animal que morreu.	0,887
6. Estou preocupado(a) de tanto que eu penso no animal que morreu.	0,893
7. Controlo o choro quando penso no animal que morreu.	0,889
8. Na minha vida, ninguém vai ocupar o lugar do animal que morreu.	0,896
9. Não consigo parar de pensar no animal que morreu.	0,890
10. Acho injusto que este animal tenha morrido.	0,900
11. Pessoas e coisas ao meu redor ainda me fazem lembrar do animal que morreu.	0,892
12. Sou incapaz de aceitar a morte deste animal.	0,893
13. Às vezes, ainda sinto vontade de chorar pelo animal que morreu.	0,882

Tabela 17 - Consistência interna de cada espécie das Partes I e II do instrumento TRIG adaptado para avaliação da intensidade do luto por perda de animal de estimação, segundo coeficiente Alfa de Cronbach. São Paulo, 2024.

Categoria	Alpha de Cronbach	
	TRIG PARTE I	TRIG PARTE II
Cachorro	0,833	0,899
Gato	0,782	0,895
Coelho	0,857	0,869
Roedor	0,798	0,795
Aves	0,808	0,912
Outros	0,932	0,914

5.5 Descrição das opiniões, desabafo e/ou sugestão dos respondentes

Ao final do questionário os participantes tinham a possibilidade de escrever em um espaço livre (“Deixe aqui sua opinião, desabafo e/ou sugestão”). Esses comentários não serão analisados, porque não foram objetos de estudo, mas são de extrema importância por explicitarem os sentimentos, vivências e experiências dos participantes. Abaixo estão descritos alguns dos relatos que foram escolhidos por descreverem sobre o processo de luto e/ou sobre a importância do estudo em questão, porém todos são relevantes e estão tabelados e anexados ao final da dissertação (Anexo 5).

Alguns respondentes utilizaram o nome do seu animal de estimação, entretanto, esses serão substituídos pela espécie do animal ou por um asterisco, a depender do contexto, para preservar o anonimato tanto dos responsáveis quanto do animal de estimação. Além disso, os erros gramaticais não serão ajustados, com a intenção de preservar a forma de expressão de cada participante.

Relato 1 – Respondente 13

“É difícil no momento da perda, se expressar sem sentir um pouco de vergonha por ser um animal e não um ser humano. Mas a dor da perda é enorme.”

Características da perda: Cachorro, morte repentina, era um animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), 1 a 2 anos da morte, luto prolongado.

Relato 2 – Respondente 22

“Minha gata teve um carcinoma de célula escamosa muito agressivo e inoperável. A morte dela era esperada, apesar de termos feito tudo e mais um pouco para a sobrevivência e o conforto dela. Chegou um momento que a eutanásia foi necessária, porque o sofrimento dela era de partir qualquer coração. Talvez, por esse motivo esse tenha sido um luto mais fácil de aceitar. Não mais fácil de viver, mas mais fácil de entender.”

Características da perda: Gato, através da eutanásia, era um animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), 3 a 6 meses da morte, luto prolongado.

Relato 3 – Respondente 36

“Muito bacana a iniciativa com esse questionário! Muito difícil relembrar de um bichinho que se foi, ainda mais quando ele era como um membro da família, pois eu cresci junto com ele, e relembrar do que aconteceu ainda dói, ainda mais da forma que ele se foi.”

Características da perda: Gato, morte inesperada, animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), 2 a 5 anos da morte, luto prolongado.

Relato 4 – Respondente 41

“Perdi meus pais em um acidente de carro. Achei que nunca iria experimentar uma dor tão intensa. Mas a dor de perder minha cachorrinha foi quase insuportável a ponto de resolver nunca mais ter um animal de estimação.”

Características da perda: Cachorro, através da eutanásia, era um animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), 3 a 6 meses da morte, luto prolongado.

Relato 5 – Respondente 80

“Quando criança eu já tive muitos animais de estimação que morreram, peixes, cachorros, pintinhos, galinhas, entre outros... Mas nenhuma morte dessas foi tão marcante quanto a do meu coelho, eu sempre tive sonho em ter um coelho, e ganhei dois de uma vez... Eu era muito apegada a eles, e em um dia eu acordei e fui procurá-los e só encontrei um... fiquei muito desesperada com meu coelho que sumiu misteriosamente... e alguns dias depois veio a notícia que um gato tinha matado meu coelho e estava comendo ele em um galpão perto de casa, foi desolador... Eu nunca chorei tanto na vida, perdi minha bisavó antes deste fato que amava muito e a dor não

foi sequer perto disso, depois desse fato nunca mais me apeguei a nenhum animal, adoro bichos... mas não me apego por conta dessa experiência dolorosa, ficou marcado em mim essa morte repentina e cruel de uma criatura tão inocente. Hoje tenho um cachorro e tenho certo apego a ele, mas não consigo dar 100% de mim.”

Características da perda: Coelho, morte repentina, era um animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), a mais de 5 anos da morte, luto prolongado.

Relato 6 – Respondente 104

“Meu animal não era um Pet, era uma filha. A sociedade não está pronta pra entender o que essa perda significou pra mim, e ter filhos humanos pequenos (1ano e 4 meses) dificultou que as pessoas aceitassem o meu luto. Ainda não me conformo, tive crises de ansiedade e angústia repetidas vezes e estou tentando aceitar fazendo psicanálise.”

Características da perda: Cachorro, morte inesperada, era um animal de estimação considerado membro da família (irmão, filho), 3 a 6 meses da morte, luto prolongado.

Relato 7 – Respondente 146

“Difícil não me emocionar quando penso nele. Meu porquinho-da-índia era minha alegria, meu companheirinho, meu despertador de manhã, pedindo verdura, meu fofinho que fazia estripulias e meu afago de todos os dias. A morte é inevitável, né? Um dia todos vamos. Acho que ele foi cedo demais. Queria ter passado mais tempo com ele aqui, dando todo o amor que ele merecia. Hoje penso nele com o mesmo amor e certa saudade, a dor da perda existe, mas de forma leve e esporádica. Espero um dia rever ele. Quem sabe, né? Embora não tenha religião, minha crença me permite acreditar nisso.”

Características da perda: Porquinho-da-índia (roedor), morte repentina, era um animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho), últimos 3 meses da morte, luto prolongado.

Relato 8 – Respondente 165

“Tudo depende de como se vê a morte tanto de um familiar ou como um Pet. A vida segue seu curso natural, um dia iremos morrer. Alguns veem como fim da vida

eu já vejo como um novo começo. Todos os seres desse mundo estão num processo de aprendizagem onde a dor da perda faz parte dela.”

Características da perda: Cachorro, através da eutanásia, era um animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho), 3 a 6 meses da morte, baixo luto.

Relato 9 – Respondente 221

“Já tive algumas perdas (cachorro, gato, passarinho). O que me deixa triste em relação a isso, ou até mesmo quando eles adoecem é a falta de empatia. Por diversas vezes ouvi coisas do tipo: ‘nossa pra que chorar?’ É só um animal!’; pra quê gastar tanto dinheiro cuidando desse bicho?”. Comentários que considero absurdo, pior ainda quando é de algum familiar. No meu ponto de vista, acredito que toda perda é dolorosa! Cabe a nós respeitar a dor do outro! Depois de algumas experiências, cheguei a conclusão que muitos gostam de animais da “boca pra fora”, os que gostam de verdade, de coração, sente sim aquela tristeza no peito quando eles se vão. Chorei, choro e irei chorar se alguns dos meus peludos me deixar! Falem o que quiser falar! Sugestão: seria interessante criar grupos, encontros, tipo como se fosse terapia, para as pessoas conversarem sobre suas experiências! É tão bom quando a gente encontra alguém que “fala a mesma língua” saber que pode conversar sem julgamentos, ser acolhida! Grata pela oportunidade! Abraços.”

Características da perda: Cachorro, através da eutanásia, era um animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho), 2 a 5 anos da morte, luto agudo.

Relato 10 – Respondente 283

“O luto por um animal ainda é super desvalorizado, eu mesma me questionava estar sofrendo tanto, enquanto pessoas ao meu redor tentavam me convencer que era apenas um animal. Ele foi o que mais desejei na vida, além de ser o último elo com a minha infância. E ouvir das pessoas “mas ele já era velhinho”, me fazia ter vontade de sumir! O amor nunca acaba, e as saudades são imensas!

Características da perda: Cachorro, esperada, era tudo pra mim, 1 a 2 anos da morte, luto prolongado.

DISCUSSÃO

6. DISCUSSÃO

O luto é um processo multifacetado e subjetivo, cuja intensidade e duração variam amplamente entre os indivíduos, dependendo de fatores como o vínculo com o ente perdido, o contexto da perda e as estratégias adaptativas de enfrentamento (Worden, 1998; Stroebe & Schut, 1999).

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a intensidade do luto de pessoas que lidam com a morte do animal de estimação em famílias multiespécies através das partes I e II do questionário *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG). A relevância deste trabalho é justificada pela necessidade de ampliar a compreensão sobre o luto no contexto das famílias multiespécies, onde os animais de estimação assumem papéis afetivos centrais. A importância de estudar sobre essa temática é, ainda, reiterada por estudos que apontam que o luto por animais de estimação, muitas vezes negligenciado socialmente, pode ser tão intenso quanto o luto por humanos, gerando impactos significativos na saúde mental dos responsáveis (Oliveira, 2013; Beck & Katcher, 1996).

O *Texas Revised Inventory of Grief* (TRIG) é uma ferramenta utilizada para avaliar o impacto emocional da perda, tanto em curto quanto em longo prazo, permitindo a identificação de diferentes intensidades de luto, como o agudo, prolongado, adiado e baixo luto (Faschingbauer, 1981). A escolha por este instrumento se deu tanto por atender aos critérios fundamentais de um instrumento que avalia o luto, quanto por já ter sido adaptado e validado em diversos idiomas, o que reflete na qualidade e na relevância cultural do questionário; sendo a cultura uma característica essencial nos estudos sobre o processo de luto.

A adaptação do questionário TRIG para o contexto da perda por animal de estimação foi uma etapa essencial para a especificação do público-alvo desta pesquisa. Essa modificação permitiu que o instrumento fosse aplicado de forma mais direcionada aos responsáveis que enfrentaram a perda de seus animais de estimação, garantindo maior relevância e adequação às experiências de luto. No entanto, é importante destacar que não foram realizadas alterações nos aspectos que descrevem as reações emocionais ou outros aspectos fundamentais do questionário.

Isso foi feito para preservar a integridade metodológica e garantir que os resultados obtidos permanecessem consistentes com a proposta original do TRIG, que possibilitou analisar e interpretar dentro do escopo estabelecido pelo instrumento.

Foi utilizada a abordagem quantitativa para este trabalho, o que favoreceu o alcance de respostas, totalizando 965 participantes; além de ter permitido levantar os dados e fazer a estatística de cada segmento, tendo em vista as propriedades psicométricas adequadas do questionário utilizado. Por meio da aplicação do TRIG, foi possível mensurar a intensidade do luto de forma consistente, garantindo que os resultados refletissem as tendências e padrões emocionais de uma amostra ampla e diversificada.

O número total de respondentes é considerado alto e, como hipótese, justifica-se pelo fato de o questionário ter sido aplicado na modalidade online; mas também por ser um assunto sensível e de interesse das pessoas. Faz-se necessário enfatizar que 245 ($\approx 25,38\%$) participantes escreveram suas experiências e sentimentos em relação à perda, e sugestões no espaço em aberto que estava situado ao final do questionário, mesmo não sendo critério obrigatório para a finalização da pesquisa.

Esse espaço se mostrou potente, e funcionou como um canal para expressão de emoções e relatos pessoais que, muitas vezes, não encontram acolhimento no cotidiano, devido à falta de reconhecimento social do luto por animais de estimação. Em um contexto onde o luto por animais é frequentemente deslegitimado, como aponta o conceito de luto não reconhecido (Doka, 1989), essa oportunidade de compartilhar experiências pode ter oferecido aos participantes um ambiente seguro e de validação emocional. Ainda que de forma indireta, espaços que permitem a expressão, sem julgamentos, contribuem para o enfrentamento do luto e ressaltam a importância de espaços que validem essas vivências, promovendo a possibilidade de elaborar as perdas de forma mais saudável e integrada.

A ausência de julgamento no processo de luto é essencial para que o indivíduo possa expressar livremente suas emoções, sem receios de críticas ou invalidação. De acordo com Doka (1989), o reconhecimento do luto em todas as suas formas promove um acolhimento que facilita o enfrentamento das emoções, evitando que o sofrimento seja silenciado ou intensificado pela falta de empatia. Kovács (2003) reforça que o acolhimento empático e a aceitação do sofrimento são passos fundamentais para que o enlutado encontre formas saudáveis de reorganizar sua vida após a perda. Assim, proporcionar um ambiente que não invalide as reações diante da perda, ajuda a

mitigar o impacto emocional negativo, oferecendo suporte para que o luto seja elaborado de maneira legítima e integrada às experiências individuais.

A análise das características sociodemográficas (Tabela 2), revela alguns aspectos importantes para a compreensão do perfil da amostra e suas possíveis influências nos resultados da pesquisa. A predominância de participantes do gênero feminino (82,59%) pode refletir uma maior abertura emocional das mulheres em relação ao tema do luto e à perda de animais de estimação. Estudos anteriores sugerem que as mulheres tendem a demonstrar maior disposição para discutir questões emocionais, o que pode justificar sua ampla representação nesta pesquisa (Kovács, 2003; Stroebe et al., 2001).

Há uma alta proporção de pessoas que têm alguma religião (68,91%), sendo esse aspecto relevante no processo de enfrentamento do luto. A religiosidade pode oferecer suporte emocional e recursos de enfrentamento, como a busca de significado para a perda (Bonanno, 2004; Kovács, 2003). Esse dado sugere a importância de considerar como a religião impacta a elaboração do luto, especialmente em contextos onde o vínculo com o animal de estimação é significativo.

Outro aspecto relevante é a alta qualificação acadêmica da amostra, com mais de 50% dos participantes possuindo ensino superior completo ou pós-graduação. E na variável renda mensal, 22,59% ganha acima de R\$9.9885,00. Isso pode estar relacionado ao método de aplicação do questionário, pelo ciclo de pessoas que o questionário circulou, que alcançou predominantemente indivíduos com maior escolaridade. Essa característica pode limitar a generalização dos resultados, uma vez que os dados do IBGE (2022) apontam que apenas 19,2% da população brasileira possuía nível superior; e apenas 5% da população tinham renda superior a R\$9.9885,00.

Por fim, no que tange as características sociodemográficas, a predominância de participantes urbanos (94,51%) pode estar associada ao contexto da aplicação da pesquisa que, apesar de ser online, teve sua sede de estudos em São Paulo, grande centro urbano. Apesar disso, um critério a ser levado em consideração para os vínculos estabelecidos entre animal-humano, é que os animais de estimação nas áreas urbanas frequentemente assumem papéis centrais como companheiros devido à redução dos vínculos sociais humanos (Faraco, 2008); além de o número de animais de estimação nas residências das pessoas de todas as classes sociais ser cada vez maior nos centros urbanos (Archer, 1997).

As características em relação às variáveis do óbito da amostra (Tabelas 3 e 4) apresentam aspectos importantes para compreender as nuances do luto por perda de animais de estimação.

Em relação ao tempo transcorrido desde a perda, a maior parte dos participantes (33,37%) mencionou que a perda ocorreu há mais de 5 anos, enquanto 8,19% relataram perdas recentes, nos últimos 3 meses. Estudos apontam que o tempo transcorrido pode influenciar a elaboração do luto, sendo que perdas mais recentes estão frequentemente associadas a reações emocionais mais intensas (Stroebe & Schut, 1999).

Quanto à idade dos animais no momento do óbito, 23,42% dos participantes relataram que seus animais faleceram com mais de 14 anos, sugerindo a ocorrência de perdas em idades avançadas. Por outro lado, 3,94% dos respondentes perderam animais com menos de 1 ano. Animais mais velhos podem estar associados a vínculos prolongados e sentimentos de gratidão, enquanto a morte precoce de um animal pode gerar luto adiado ou sentimentos de injustiça e perda precoce, intensificando a dor do seu responsável (Bonanno, 2004).

O tipo de morte também apresentou relevância na análise: 46,32% dos participantes relataram mortes inesperadas, 29,43% por eutanásia e 22,80% mortes esperadas. Mortes inesperadas tendem a causar reações emocionais mais intensas, como choque e dificuldade de aceitação, enquanto a eutanásia ou mortes esperadas podem envolver processos antecipatórios de luto, possibilitando maior preparação emocional (Kovács, 2003; Stroebe & Schut, 1999).

Sobre a relação com outros animais, 37,41% dos participantes não tinham outro animal de estimação no momento da perda. Estudos sugerem que a presença de outros animais na residência pode oferecer suporte emocional e atenuar o impacto do luto, funcionando como um fator protetivo. No entanto, a ausência de outros animais pode intensificar o sentimento de vazio e prolongar o processo de elaboração da perda (Faraco, 2008).

O vínculo emocional com o animal de estimação revelou-se um aspecto central nesta análise. Para 57,62% dos participantes, o animal era considerado “membro da família (irmão, filho)”, enquanto 26,32% o descreveram como “muito querido” e 14,82% afirmaram que ele era “tudo na minha vida”. Apenas 1,24% mencionaram que o animal era “só um animal de estimação”. Esses dados reforçam o conceito de famílias multiespécies e a profundidade dos vínculos afetivos formados com os

animais (Irvine, 2004; Faraco, 2008). Nesse sentido, Bromberg (1996) afirma que só haverá luto se um vínculo se romper.

No contexto das famílias multiespécies, onde os animais de estimação ocupam um papel significativo no sistema emocional dos seus responsáveis, compreender como o luto é vivenciado e elaborado é essencial para ampliar a validação social desse tipo de perda. Estudos prévios indicam que as reações emocionais à morte de um animal de estimação podem ser tão intensas quanto aquelas experimentadas pela perda de um ente humano querido, destacando a relevância de uma abordagem diferenciada e sensível para avaliar essas vivências (Beck & Katcher, 1996; Oliveira, 2013).

Vale destacar que os dados apresentados não estão segmentados por espécie de animal, o que poderia oferecer nuances importantes para a análise. Cada espécie, e até mesmo raças específicas dentro de uma mesma espécie, possui expectativas de vida distintas, o que interfere diretamente nas perspectivas e expectativas dos responsáveis em relação à vida e a convivência com seus animais. Essa variação pode influenciar tanto no vínculo emocional quanto a experiência do luto, o que reforça a necessidade de futuras pesquisas que considerem essa segmentação. Tais estudos poderiam aprofundar a compreensão das diferenças nas vivências de perda e contribuir para uma análise mais rica e contextualizada do processo de luto em diferentes cenários.

Os resultados apresentados na Tabela 5 destacam os sentimentos e ações ocorridos nos momentos próximos à morte de seus animais de estimação; sendo essa tabela referente à Parte I do TRIG, que aborda sobre o Comportamento Passado.

No que tange o impacto no desempenho no trabalho, 40,3% dos participantes afirmaram que foi "completamente verdadeiro" que tiveram dificuldade em trabalhar após a perda. Esse dado evidencia como o luto pode interferir nas rotinas e nas responsabilidades diárias, corroborando com estudos que indicam que o luto, mesmo por animais, pode gerar respostas emocionais semelhantes às observadas em perdas de entes humanos (Bonanno, 2004).

Outro ponto relevante foi a perda de interesse em atividades sociais, com 44,8% dos participantes que consideram "completamente falso" que perderam o interesse em família, amigos e atividades. Esse dado contrapõe a ideia amplamente discutida na literatura de que o isolamento social é uma resposta comum no luto (Doka, 1989). Stroebe e Schut (2001) argumentam que, embora o isolamento seja

frequente, as respostas ao luto são altamente variáveis, e muitos indivíduos conseguem manter conexões sociais como parte de suas estratégias de enfrentamento, especialmente quando recebem apoio emocional e validação. Além disso, Rosenblatt (1993) destaca que o contexto social e cultural desempenha um papel crucial na vivência do luto, o que leva a mitigar o isolamento quando há suporte e aceitação do ambiente em relação à perda vivenciada.

A necessidade de realizar atividades que eram feitas com o animal falecido foi elencada como "completamente verdadeira" por 31,3% dos respondentes. Esse comportamento pode ser interpretado como uma tentativa de manter a conexão simbólica com o animal, alinhando-se à teoria de Klass, Silverman e Nickman (1996), que propõe que o luto é um processo de continuidade de vínculos. No entanto, é importante notar que, para outros participantes, essa necessidade não foi tão presente, o que pode indicar que a manutenção de vínculos simbólicos varia conforme o estilo de apego e as experiências individuais de perda.

Sobre sentir-se mais irritado, 20,2% dos participantes consideraram como "completamente verdadeira" e 13,2% como "mais falso do que verdadeiro"; tais dados podem sugerir que o luto afeta a regulação emocional. Esse aspecto é reforçado pela literatura que associa o luto a reações emocionais intensas e, às vezes, inesperadas (Bowlby, 1980). No entanto, 30,5% dos participantes consideraram "completamente falso" que ficaram mais irritados do que de costume, o que reflete sobre as diferenças individuais nas respostas emocionais ao luto.

Um dado que chama atenção é a afirmação de que 34,3% ("completamente verdadeiro") dos participantes tiveram dificuldade para dormir após a perda, um comportamento esperado em experiências de luto. Se considerado, ainda, o item "mais verdadeiro do que falso", o percentual sobe para 56%. Esse resultado está alinhado a estudos que mostram que a ansiedade e a dor emocional podem interferir no sono (Kovács, 2003). Entretanto, uma parcela considerável dos participantes não relatou essa dificuldade, o que pode indicar que estratégias de enfrentamento ou o contexto da perda desempenham um papel importante na mitigação dos sintomas.

Por fim, o sentimento de abandono foi considerado "completamente falso" por 77,1% dos participantes, indicando que a grande maioria não interpretou a perda como um abandono pelo animal. No entanto, Worden (1998) discute que, em algumas situações de luto, especialmente quando a morte é súbita ou inesperada, os enlutados podem sentir-se abandonados pelo ente perdido. Bowlby (1980) também aponta que

o rompimento do vínculo de apego pode gerar sentimentos de abandono e angústia, que pode ser reflexo do impacto emocional do vínculo rompido.

Os resultados apresentados na Tabela 6 exploram os sentimentos atuais dos participantes em relação à morte de seus animais de estimação; sendo essa tabela referente à Parte II do TRIG, que aborda sobre o Comportamento Presente. Essa análise é essencial para compreender como o luto por animais é vivenciado a longo prazo.

Um dos resultados que mais chamou atenção foi a persistência de sentimentos de tristeza, com 60,7% dos participantes que consideraram como "completamente verdadeiro" que ainda ficam tristes ao pensar no animal que morreu. Além disso, 33% afirmaram que ainda choram frequentemente ao lembrar da perda. Esses dados estão alinhados com as ideias de Worden (1998), que enfatiza que a tristeza é uma das respostas emocionais centrais no luto e indica a importância de vivenciar e processar essa emoção para que o indivíduo possa integrar a perda à sua vida de maneira saudável. Parkes (1998) reforça essa perspectiva e destaca que o luto envolve um processo dinâmico em que memórias e sentimentos permanecem significativos para o enlutado.

Quanto à aceitação da perda, 50,6% dos participantes consideraram "completamente falso" que não conseguem aceitar a morte do animal, enquanto 67,3% relataram que se sentem capazes de aceitar a perda. Esses resultados sugerem que, embora a maioria dos participantes demonstre aceitação, uma parcela significativa ainda enfrenta dificuldades nesse processo. Bowlby (1980) destaca que a aceitação da perda está intimamente ligada à qualidade do vínculo e ao estilo de apego, fato que pode ter influência nas variações observadas entre os participantes. Doka (1989) complementa essa perspectiva ao abordar o papel do contexto social e cultural, e destaca que mortes inesperadas ou estigmatizadas intensificam o luto, tornando o processo de aceitação mais desafiador. Nesse sentido, Parkes (1998) explora como diferentes circunstâncias da morte, como vínculos mais intensos ou mortes repentinas, podem dificultar a aceitação e potencializar reações de choque e descrença. Essas perspectivas reforçam a importância de considerar o contexto da morte na maneira como os indivíduos enfrentam o luto e elaboram sobre a aceitação.

O sentimento de falta foi outro aspecto importante, com 65,9% dos participantes que mencionaram como "completamente verdadeiro" que ainda sentem muita falta do animal. Esse dado reflete a centralidade dos animais de estimação na

vida dos seus responsáveis e está alinhado com as ideias de Stroebe e Schut (1999), que introduziram o Modelo do Processo Dual do Luto. Esse modelo propõe que o luto envolve um equilíbrio dinâmico entre duas dimensões principais: o enfrentamento da perda, onde o enlutado lida diretamente com as emoções e a realidade da ausência, e o enfrentamento da restauração, que foca na adaptação a novas rotinas e papéis. Essa oscilação permite que os indivíduos avancem no processo de luto enquanto integram a perda em sua vida cotidiana.

A dor ao lembrar o animal foi considerada "completamente verdadeira" por 51,6% dos participantes. Essa constatação é consistente com estudos que mostram que a dor emocional associada à perda é um componente duradouro do luto. Parkes (1998) observa que, embora o sofrimento diminua com o tempo, ele pode ser reativado por gatilhos emocionais, como memórias ou objetos ligados ao ente perdido. Worden (1998) acrescenta que a dor, quando integrada, pode se tornar um marco importante na vida do enlutado, funcionando como um elo simbólico contínuo. Aguiar e Alves (2021) reforçam essa perspectiva no contexto das famílias multiespécies, e destacam que os vínculos com os animais de estimação têm características únicas que prolongam a importância emocional da perda. Beck e Katcher (1996) complementam ao argumentar que esses vínculos são frequentemente tão profundos quanto os estabelecidos com outros humanos, o que pode contribuir para o aumento da complexidade do luto.

Os dados sobre pensamentos frequentes e preocupação em relação ao animal indicaram que 67,8% consideram "completamente falso" estarem preocupados com o tanto que pensam no animal que morreu, e 59,5% relataram que é "completamente falso" que não conseguem parar de pensar nele; ou seja, essas porcentagens indicam que, para a maioria, a frequência de pensamento sobre o animal que morreu não é vivenciada como uma preocupação. Como já elencado em algumas discussões acima, esse resultado também pode estar relacionado a uma elaboração adaptativa do luto, na qual a presença simbólica do ente perdido é integrada de forma saudável à vida cotidiana (Klass, Silverman & Nickman, 1996).

No entanto, em um contraponto, Bowlby (1980) destaca que, em casos de luto complicado ou não elaborado, a recorrência de pensamentos pode indicar dificuldade em aceitar a perda, especialmente em vínculos altamente dependentes ou situações de mortes inesperadas. Prigerson, Maciejewski e Reynolds (1995) introduzem o conceito de luto complicado, caracterizado por pensamentos persistentes e intrusivos

que interferem na funcionalidade diária do enlutado, destacando que essas manifestações podem evoluir para quadros de sofrimento prolongado. Por outro lado, Kovács (2003) argumenta que a recorrência de pensamentos também pode refletir a tentativa do enlutado de atribuir significado à perda, um processo que é fundamental na reconstrução emocional e na aceitação da ausência.

Em relação à substituição do lugar do animal, 50,3% dos participantes afirmaram que ninguém ocupará o lugar deixado pelo animal. Esse dado evidencia a percepção de que o ente querido, humano ou animal, é único e insubstituível, e reflete a profundidade do vínculo estabelecido e do papel que o animal exerce para seus responsáveis. Essa visão está alinhada ao conceito de famílias multiespécies, no qual os animais são considerados membros integrais da dinâmica familiar (Irvine, 2004; Aguiar & Alves, 2021). Além disso, pesquisas apontam que o luto pela morte de um animal de estimação pode ser tão intenso quanto o luto por pessoas significativas, o que reforça o caráter insubstituível desses vínculos (Vieira, 2019; Oliveira, 2012).

Por fim, o sentimento de injustiça em relação à morte do animal foi considerado "completamente verdadeiro" por 29,5% dos participantes, enquanto 37,6% afirmaram que isso era "completamente falso". Esse contraste pode refletir as circunstâncias específicas da perda, como mortes repentinas ou prematuras, que frequentemente geram sentimentos de injustiça e raiva (Bonanno, 2004). Além disso, outras situações, como mortes traumáticas, eutanásia, mortes evitáveis ou negligência, e falecimentos longe do tutor, são descritas na literatura como fatores que intensificam esse sentimento (Doka, 1989; Kovács, 2003).

Em contraponto, a preparação para a morte, especialmente em casos de doenças terminais ou idade avançada, permite que os tutores percebam a perda como parte do ciclo natural da vida (Parkes, 1998; Kovács, 2003). Além disso, decisões conscientes e bem informadas, como no caso de eutanásia, e a validação social do luto por familiares e amigos ajudam a reduzir a sensação de isolamento e potencializam a aceitação da perda (Doka, 1989; Lapa & Nogueira, 2022). Rituais de despedida e homenagens ao animal, assim como o apoio psicológico e espiritual, também contribuem para evitar o sentimento de injustiça diante da morte (Klass, Silverman & Nickman, 1996; Bonanno, 2004).

Os resultados obtidos com o TRIG permitem identificar diferentes padrões de ajustamento ao luto (Figura I), categorizados como luto agudo, luto prolongado, luto adiado e baixo luto, conforme proposto por Faschingbauer (1981). Essas categorias

oferecem um panorama das reações emocionais e comportamentais dos respondentes ao longo do tempo, contribuindo para a compreensão da experiência individual do luto.

O luto agudo caracteriza-se por reações emocionais intensas e imediatas após a perda. Nesse caso, as pontuações na Parte I do TRIG são elevadas, e na Parte II são abaixo do percentil 50. Esse padrão reflete a intensidade inicial do sofrimento, comum nos primeiros estágios do luto.

Já o luto prolongado é marcado pela persistência de sentimentos intensos por um período prolongado, o que pode dificultar a adaptação à perda. As pontuações elevadas em ambas as partes do TRIG demonstram a continuidade de emoções como tristeza e dificuldade de aceitação, mesmo após um período esperado de elaboração do luto.

O luto adiado refere-se à ausência de reações imediatas à perda, com manifestações emocionais surgindo de forma intensa em um momento posterior. No TRIG, isso é evidenciado por pontuações baixas na Parte I e elevações significativas na Parte II. Esse padrão pode ocorrer devido a fatores como mecanismos de defesa, onde o enlutado evita o sofrimento inicial, ou contextos que impedem a expressão do luto no momento da perda.

Por outro lado, o baixo luto representa uma adaptação mais funcional ao processo de perda, com reações emocionais menos intensas. As pontuações consistentemente baixas tanto na Parte I quanto na Parte II do TRIG indicam que os indivíduos conseguem integrar a perda em um menor espaço de tempo, e retomam as suas atividades rotineiras com menor impacto emocional.

Os padrões de ajustamento ao luto, analisados nas Tabelas 7 a 13, evidenciam que o luto prolongado foi predominante em todas as categorias, representando 72,02% da amostra geral (Tabela 7). Além disso, ao segmentar os dados e separá-los por espécies, o luto prolongado foi o padrão com maior prevalência: 68,49% para os participantes que perderam cachorros, 82,16% para os participantes que perderam gatos, 90,91% para os participantes que perderam aves, 85,71% para os participantes que perderam roedores, 78,57% para os participantes que perderam coelhos e 55,56% para os participantes que perderam outras espécies. Esses percentuais reforçam que o luto prolongado é a manifestação mais frequente em contextos de perda de animais de estimação no recorte desse estudo, o que leva a refletir sobre a profundidade e intensidade do vínculo emocional estabelecido com esses

companheiros. Esse padrão também indica que o luto por animais é um processo duradouro, que pode ser influenciado tanto pelo papel simbólico que o animal ocupa na vida do tutor quanto pela ausência de validação social do luto (Doka, 1989).

Os resultados destacam a complexidade do luto por perda do animal de estimação e a influência de variáveis emocionais e culturais nesse processo. A prevalência do luto prolongado em todas as categorias reforça a necessidade de validação social e suporte emocional para as pessoas que perdem seu animal de companhia.

A análise dos padrões de ajustamento ao luto evidenciou a predominância do luto prolongado entre os participantes, e coloca em evidência a complexidade emocional associada à perda de animais de estimação. Esses achados destacam a necessidade de reconhecimento e suporte, tanto em nível individual quanto social, para pessoas que vivem esse processo. É importante destacar a relevância de validar socialmente o luto por animais de estimação, reconhecer seu impacto e legitimar o sofrimento emocional desencadeado.

O vínculo estabelecido com os animais muitas vezes ultrapassa o papel funcional, sendo carregado de significados afetivos. A validação social dessas perdas pode ajudar as pessoas que perdem seus animais, a lidarem com o processo de forma mais saudável, uma vez que influencia no isolamento emocional e mitiga o impacto de um luto não reconhecido (Doka, 1989).

Além disso, o luto por diferentes espécies de animais de estimação reflete a diversidade de vínculos afetivos estabelecidos entre as pessoas e seus companheiros não humanos. A pesquisa evidencia que o luto prolongado foi o padrão predominante em todas as espécies analisadas, mas é fundamental considerar que cada espécie possui características únicas que podem influenciar tanto a formação do vínculo quanto a vivência do luto.

Por exemplo, cães e gatos, que frequentemente ocupam um papel central nas famílias multiespécies, têm uma expectativa de vida mais longa, permitindo o desenvolvimento de vínculos mais profundos e duradouros. Em contrapartida, espécies como roedores e aves, com ciclos de vida mais curtos, podem levar a experiências de luto mais frequentes e, muitas vezes, intensas devido à repetição da perda (Faraco, 2008; Oliveira, 2013).

Outro aspecto relevante é a percepção cultural sobre o papel dos animais no contexto familiar. Espécies como cavalos, papagaios e roedores podem ser

subestimadas em sua importância afetiva, o que contribui para o fenômeno do luto não reconhecido, descrito por Doka (1989). Isso reforça a necessidade de validar socialmente o sofrimento dos tutores que enfrentam a perda, independentemente da espécie do animal, considerando que o vínculo é determinado pela qualidade da interação e não pela classificação do animal (Beck & Katcher, 1996).

Os padrões de ajustamento ao luto aqui trabalhados não devem ser entendidos como definitivos ou determinantes, mas como ferramentas de reflexão sobre o impacto da perda de um animal de estimação para seus responsáveis. Parkes (2009) ressalta que as reações de luto não devem ser pensadas como fases rígidas ou lineares, mas como processos dinâmicos que variam amplamente entre os indivíduos. Nesse sentido, compreender o luto em sua complexidade envolve reconhecer que suas manifestações dependem de diversos fatores emocionais, sociais e culturais, não sendo passíveis de categorização absoluta.

É importante também frisar que o luto, segundo Worden (1998), envolve a elaboração de tarefas que auxiliam na aceitação da perda e na reorganização da vida, sendo o acompanhamento psicológico uma ferramenta essencial, especialmente em casos onde as emoções permanecem intensas por longos períodos. O suporte especializado oferece um espaço seguro para que sentimentos como tristeza, culpa e solidão sejam expressos de forma acolhedora e validada, o que é particularmente relevante diante da falta de reconhecimento social do luto por animais (Doka, 1989).

Algumas limitações desse trabalho devem ser consideradas. Primeiramente, a idade dos participantes não foi analisada, o que pode influenciar as percepções e vivências do luto. Além disso, nem todas as formas de perda foram contempladas, como situações em que o animal pode ter fugido, o que representa uma lacuna importante. A abordagem quantitativa, embora valiosa para identificar padrões gerais, pode limitar a compreensão subjetiva e aprofundada das experiências individuais dos participantes. Por fim, o grande número de variáveis e o elevado número de participantes dificultaram a análise específica de subgrupos ou particularidades.

Essas limitações destacam a importância de futuros estudos que integrem metodologias qualitativas, permitindo uma exploração mais rica e detalhada das vivências do luto por animais de estimação. Além disso, contemplar variáveis adicionais, como idade, contexto da perda e características do vínculo, pode proporcionar uma compreensão mais abrangente e significativa desse fenômeno tão

relevante para a saúde emocional das pessoas que passam pela perda de um animal de estimação.

CONCLUSÃO

7.CONCLUSÃO

Esta dissertação investigou o luto por perda de animais de estimação, destacando a análise da sua intensidade e os padrões de ajustamento ao luto dos respondentes. Os resultados evidenciaram a profundidade do vínculo emocional estabelecido com os animais e a predominância do luto prolongado, reforçando a necessidade de reconhecimento social e intervenções psicológicas específicas para dar suporte às pessoas que perdem o seu animal de estimação. Ao abordar um tema ainda pouco explorado, este estudo contribui para a ampliação do debate acadêmico e social sobre o impacto emocional das famílias multiespécies, além de promover um olhar mais sensível e humanizado para essas experiências.

É imprescindível frisar a importância de futuros estudos que abordem e explorem essa temática, como forma de ampliar o conhecimento acerca do luto por perda de animal de estimação; assim como de tornar esse processo reconhecido e validado.

REFERÊNCIAS

8. REFERÊNCIAS

Aguiar MS, Alves CF. A Família Multiespécie: Um Estudo sobre Casais sem Filhos e Tutores de Pets. Pensando Famílias; 2021.

Ainsworth MDS. Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In: Parkes CM, Stevenson-Hinde J, Marris, P. Attachment across the life cycle. London: Routledge; 1993.

Alegre M. Cão como nós. Rio de Janeiro; 2007.

Almeida ML, Almeida LP, Braga PFS. Aspectos psicológicos na interação homem-animal de estimação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia; 2008.

Archer J. Why do people love their pets?. Evolution and Human Behavior; 1997.

Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET). Mercado Pet no Brasil: Relatório 2022. São Paulo: ABINPET; 2022.

Barros EN. Tradução e validação do *Texas Revised Inventory of Grief (TRIG)*: aplicação em pais enlutados pela perda de um filho por câncer pediátrico. São Paulo; 2008.

Beaver BV. Comportamento canino: um guia para veterinários. São Paulo: Roca; 2001.

Beaver BV. Comportamento felino: um guia para veterinários. São Paulo: Roca; 2005.

Beck A, Katcher, A. Between pets and people: the importance of animal companionship. Revised Edition. West Lafayette: Purdue University Press; 1996.

Becker M, Morton D. O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis. Tradução de A.B. Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

Bekoff M. A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como vemos e os tratamos. São Paulo; 2010.

Bergler R. Man and dog: the psychology of a relationship. Oxford: Blackwell Scientific Publications; 1998.

Berzins MAVS. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo; 2000.

Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, 59(1), 20-28.

Bowlby, J. Attachment and loss. Volume 1: Attachment. New York: Basic Books; 1969.

Brasil. Projeto de Lei nº 221, de 2023. Altera a Lei de Proteção Animal.

Bromberg MF. A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto. São Paulo: Livro Pleno; 2000.

Bromberg MHP, Kovács MJ, Carvalho MMMJ, Carvalho VA. Vida e morte: laços de existência. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996.

Caetano ECS. As contribuições da TAA- Terapia Assistida por Animais à Psicologia Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma; 2010.

Casellato G. Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. Campinas, 2005.

Casellato G.O resgate da empatia. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

Casellato G. Luto por perdas não legitimadas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2020.

Costa EC. Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde. Ceará; 2006.

DaMatta R. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.

- DeLarissa, FA. Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP; 2003.
- Doka KJ. Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow. New York: Lexington Books; 1989.
- Doka KJ, Martin TL. How we grieve: culture, class and gender. In: Doka KJ. Disenfranchised grief: new directions, challenges, and strategies for practice. Champaign: research press; 2002.
- Driscoll, C. A., Macdonald, D. W., & O'Brien, S. J. From Wild Animals to Domestic Pets, an Evolutionary View of Domestication. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 106(1), 9971–9978; 2009.
- Faraco CB. Interação Humano-Cão: o social constituído pela relação interespécie. Porto Alegre: PUCRS, 2008.
- Faraco CB, Seminotti, N. A relação homem-animal e a prática veterinária. Revista CFMV. Ano X, n.32, p.57-61, maio-junho-julho-agosto. Brasília; 2004.
- Faschingbauer TR. The *Texas Revised Inventory of Grief* manual. Houston: Honeycomb Publishing; 1981.
- Faschingbauer T, DeVaul RA, Zisook S. The *Texas Revised Inventory of Grief*. In: Zisook S, editor. Biopsychosocial aspects of bereavement. Washington DC: American Psychiatric Press; 1987.
- Franco MHP. A psicoterapia em situações de perda e luto. Campinas; 2000.
- Fuchs H. Um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo; 1987
- Fuck EJ, Fuck ET, Delarissa F, Curt CE. Relação Homem X Animal Aspectos psicológicos e comportamentais. Revista Nosso Clínico. Ano 9, n. 49, Jan-Fev. São Paulo; 2006.

Gilbert K. *Ambiguous Loss and Disenfranchised Grief: Helping Individuals Cope with Loss When There Is No Closure*. Nova York: Routledge, 1996.

Gómez LF, Atehortúa HCG, Orozco PSC. La influencia de las mascotas en la vida humana. *Revista Colombiana de Ciencias Pecuarias*; 2007.

Hart BL. *The behaviour of Domestic Animals*. Nova Iorque: W.H Freeman and Company; 1985.

Klass D, Silverman PR, Nickman SL. *Continuing Bonds: New Understandings of Grief*. Philadelphia: Taylor & Francis; 1996.

Knebel AG. *Novas configurações familiares: é possível falar de constituição familiar desde a relação multiespécie?* Santa Rosa: UNIJUÍ; 2012

Kübler-Ross E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. Trad. T L Kipnis; 1977.

Hyland, A. *The Medieval Warhorse: From Byzantium to the Crusades*. Sutton Publishing; 2003.

Lapa DMK, Nogueira, MTD. *O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS*. Rio Grande do Sul; 2022.

Lazarus RS, Folkman S. *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer; 1984.

Macedo RMS. *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca; 2008.

McGoldrick M, Almeida R, Hines PM, Rosen E, Garcia-Preto N, Lee E. O luto em diferentes culturas. In: Walsh F, McGoldrick M, editors. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: ArtMed; 1998.

Oliveira D. *O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda*. São Paulo; 2013.

Oliveira D, Franco MHP. Luto por perda de animal. In: CASELLATO, G. *O Resgate da Empatia*. São Paulo: Summus Editorial; 2015.

Parkes CM. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Tradução de Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus, 1998.

Parkes CM. Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

Parkes CM. Recent developments in loss theory and practice: individual, family, national, and international implications. *Grief Matters. The Australian Journal of Grief and Bereavement*; 2011.

Prá, DD. A diversidade na configuração familiar: uma revisão da literatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; 2013.

Prigerson HG, Maciejewski PK, Reynolds III CF, et al. Inventory of Complicated grief: a scale to measure maladaptive symptoms of loss. *Psychiatr Res* 1995.

Quackenbush J, Graveline D. When your pet dies: how cope with your feelings. Nova York: Pocket Books; 1988.

Rando TA. Treatment of Complicated Mourning. Illinois: Research Press, 1993.

Rosenblatt PC. Grief: the social context of private feelings. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention*. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Rubin SS. The death of a child is forever: The life course impact of child loss. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention*. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Rubin SS, Malkinson R. Parental response to child loss across the life cycle: clinical and research perspectives. In: Stroebe MS, Hansson RO, Stroebe W, Schut H, editors. *Handbook of bereavement research: consequences, coping, and care*. 4th ed. Washington DC: American Psychological Association; 2001.

Sanders CM. Risk factors in bereavement outcome. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention*. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Santos IBC. Por que gostamos de nossos cachorros? *Psique Ciência & Vida*. São Paulo: Editora Escala, v.32, p.20-25, 2008.

Serpell, J. A. *In the Company of Animals: A Study of Human-Animal Relationships*. Cambridge University Press; 1996.

Shuchter SR, Zisook S. The course of normal grief. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. Handbook of bereavement: theory, research, and intervention. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Souza MM, Castro A. Repercussão do Animal de Estimação na Saúde Mental de Indivíduos na Fase Adulta. Revista Panorâmica online, [S. l.], v. 35; Universidade Federal de Mato Grosso. Mato Grosso; 2022.

Spielberger CD, Gorus RL, Lushene P. Manual for the state-trait anxiety inventory. Palo Alto: Consulting Psychologists Press; 1970.

Strauch VR. Ressignificação da morte na abordagem psicodramática: perdas e ganhos no luto. Revista Brasileira de Psicodrama. São Paulo; 2017.

Streiner DL, Norman GR. Health measurement scales. A practical guide to their development and use. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press; 2003.

Stroebe MS, Stroebe W. The mortality of bereavement: a review. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. Handbook of bereavement: theory, research, and intervention. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Stroebe MS, Schut H. The dual process of coping with bereavement: rationale and description. Death Studies 1999.

Stroebe MS, Schut H. Models of coping with bereavement: a review. In: Stroebe MS, Hansson RO, Stroebe W, Schut H, editors. Handbook of bereavement research: consequences, coping, and care. 4th ed. Washington DC: American Psychological Association; 2001.

Stroebe M, Schut H, Stroebe W. Attachment in coping with bereavement: a theoretical integration. Rev Gen Psychol; 2005.

Vieira MNF. Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte; 2019.

Walsh F, McGoldrick M. Morte na família: sobrevivendo às perdas. Trad. Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Weiss RS. Loss and recovery. In: Stroebe MS, Stroebe W, Hansson RO, editors. Handbook of bereavement: theory, research, and intervention. 8th ed. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Weiss RS. Grief, bonds, and relationships. In: Stroebe MS, Hansson RO, Stroebe W, Schut H, editors. Handbook of bereavement research: Consequences, coping, and care. 4th ed. Washington DC: American Psychological Association; 2001.

Worden JW. Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

ANEXOS

9. ANEXOS

Anexo 1 - Aspectos Sociodemográficos e Variáveis Relacionadas ao Óbito FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS

Considerando o luto como um processo multifatorial, serão consideradas fatores sociodemográficos e variáveis relacionadas ao óbito (Oliveira, 2013).

1. Qual a sua nacionalidade?

Brasileiro

Estrangeiro

2. Você tem alguma religião?

Sim

Não

3. Qual a sua escolaridade?

Educação Infantil

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Pós-Graduação

Mestrado

Doutorado

4. Qual a sua renda mensal?

De R\$ 0,00 a R\$ 1.412,00

De R\$ 1.413,00 a R\$ 2.824,00

De R\$ 2.825,00 a R\$ 4.236,00

De R\$ 4.237,00 a R\$ 5.648,00

De R\$ 5.469,00 a R\$ 7.060,00

De R\$ 7.061,00 a R\$ 8.472,00

De R\$ 8.473,00 a R\$ 9.884,00

Acima de R\$ 9.885,00

5. Você mora em zona rural ou zona urbana?

Zona Rural

Zona Urbana

6. Com qual gênero você se identifica?

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

VARIÁVEIS RELACIONADAS AO ÓBITO

Considerando o luto como um processo multifatorial, serão consideradas fatores sociodemográficos e variáveis relacionadas ao óbito (Oliveira, 2013).

7. Idade do animal no momento do óbito

Até um ano

1 a 2 anos

2 a 3 anos

3 a 4 anos

4 a 5 anos

5 a 6 anos

6 a 7 anos

7 a 8 anos

9 a 10 anos

10 a 11 anos

11 a 12 anos

13 a 14 anos

Acima de 14 anos

8. Tipo de morte

Esperada
Inesperada
Através da Eutanásia
Repentina

9. Como o animal de estimação se classificaria na relação:

Pet
Filho(a)
Irmão(ã)

10. Número de animais de estimação quando perdeu o seu
Não tinha outro animal de estimação quando perdi o meu.

1
2
3
4
5
Acima de 5

11. Número atual de animais de estimação

Não tenho animais de estimação atualmente.

1
2
3
4
5
Acima de 5

12. Vínculo com o animal de estimação que morreu

Era só um animal de estimação
Era um animal muito querido
Era um animal de estimação considerado como membro familiar (irmão, filho)
Era tudo na minha vida

13. Tempo transcorrido da morte

Nos últimos 3 meses

De 3 a 6 meses atrás

De 6 a 9 meses atrás

De 9 a 12 meses atrás

De 1 a 2 anos atrás

De 2 a 5 anos atrás

A mais de 5 anos atrás

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa “**Aspectos da relação homem-animal: Avaliação do Luto em Tutores de Animais de Estimação em famílias multiespécies**”, sob responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. Arlei Marcili. e sua equipe de pesquisa acadêmica com a discente Verônica Ribeiro e Andrade tendo por objetivo avaliar o luto de tutores que lidam com a morte do seu animal de estimação em famílias multiespécies.

Para realização deste trabalho usaremos o(s) seguinte(s) método(s): envio do questionário TRIG será disponibilizado na modalidade online (Google Forms) e compartilhado através do WhatsApp com a população em geral.

Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos seria o risco de constrangimento para o participante da pesquisa ao responder o questionário.

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providencias (indicar as medidas a serem tomadas de acordo com o tipo de estudo).

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são reconhecimento do Luto pela perda de animais de estimação e geração de material de esclarecimento e apoio.

O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento; a garantia de que em caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável. Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340 04829-300 São Paulo - SP Fone:

(11) 2141-8502 www.unisa.br, inclusive, acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores responsáveis Verônica Ribeiro e Andrade e telefone (71- 93025614).

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santo Amaro, localizado à Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, São Paulo- SP. Telefone 11-2141.8687 ou ainda através do e-mail: pesquisaunisa@unisa.br.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Anexo 3 - Inventário *Texas Revised Inventory of Grief* adaptado para a língua portuguesa

PARTE I: COMPORTAMENTO PASSADO

Pense no momento em que esta pessoa morreu e responda a todos os itens sobre seus sentimentos e ações ocorridos naquele período, conforme se aplica a você depois da morte desta pessoa. Escolha a melhor resposta, colocando um X na letra correspondente.

A= Completamente verdadeiro

B= Mais verdadeiro que falso

C= Nem verdadeiro nem falso

D= Mais falso que verdadeiro

E= Completamente falso

1. Depois da morte desta pessoa foi difícil conviver com determinadas pessoas.

- A
- B
- C
- D
- E

2. Foi difícil trabalhar bem depois que esta pessoa morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

3. Depois da morte desta pessoa, eu perdi o interesse na minha família, amigos e atividades fora de casa.

- A
- B

- C
- D
- E

4. Senti grande necessidade de fazer coisas que a pessoa que morreu tinha vontade de fazer.

- A
- B
- C
- D
- E

5. Depois que esta pessoa morreu, fiquei irritado(a) mais do que de costume sem motivo.

- A
- B
- C
- D
- E

6. Eu não consegui dar conta das minhas atividades de rotina nos primeiros três meses depois da morte desta pessoa.

- A
- B
- C
- D
- E

7. Fiquei bravo(a) porque a pessoa que morreu me abandonou.

- A
- B
- C
- D
- E

8. Foi difícil dormir depois que esta pessoa morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

PARTE II: SENTIMENTOS DO PRESENTE

A partir de agora, responda os itens a seguir, colocando um X na letra correspondente. Considere como você se sente em relação à morte desta pessoa, atualmente. Por favor, não olhe as respostas que você deu na Parte I.

A= Completamente verdadeiro

B= Mais verdadeiro que falso

C= Nem verdadeiro nem falso

D= Mais falso que verdadeiro

E= Completamente falso

1. Ainda choro quando penso na pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

2. Ainda fico triste quando penso na pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D

- E

3. Não consigo aceitar a morte desta pessoa.

- A
- B
- C
- D
- E

4. Às vezes sinto muita falta da pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

5. Ainda hoje é doloroso lembrar da pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

6. Estou preocupado(a) de tanto que eu penso na pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

7. Controlo o choro quando penso na pessoa que morreu.

- A
- B

- C
- D
- E

8. Na minha vida, ninguém vai ocupar o lugar da pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

9. Não consigo parar de pensar na pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

10. Acho injusto que esta pessoa tenha morrido.

- A
- B
- C
- D
- E

11. Pessoas e coisas ao meu redor ainda me fazem lembrar da pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

12. Sou incapaz de aceitar a morte desta pessoa.

- A
- B

- C
- D
- E

13. Às vezes, ainda sinto vontade de chorar pela pessoa que morreu.

- A
- B
- C
- D
- E

Anexo 4 - Inventário *Texas Revised Inventory of Grief* adaptado para a língua portuguesa com Adaptações para Luto por Perda de Animal de Estimação

PARTE I: COMPORTAMENTO PASSADO

Pense no momento em que **este animal** morreu e responda a todos os itens sobre seus sentimentos e ações ocorridos naquele período, conforme se aplica a você depois da morte **deste animal**. Escolha a melhor resposta, colocando um X na letra correspondente.

1= Completamente verdadeiro

2= Mais verdadeiro que falso

3= Nem verdadeiro nem falso

4= Mais falso que verdadeiro

5= Completamente falso

1. Depois da morte **deste animal** foi difícil conviver com determinadas pessoas.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

2. Foi difícil trabalhar bem depois que **este animal** morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4

- 5

3. Depois da morte **deste animal**, eu perdi o interesse na minha família, amigos e atividades fora de casa.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

4. Senti grande necessidade de fazer coisas que **fazia com o animal morreu**.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

5. Depois que **este animal** morreu, fiquei irritado(a) mais do que de costume sem motivo.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

6. Eu não consegui dar conta das minhas atividades de rotina nos primeiros três meses depois da morte **deste animal**.

- 1
- 2

- 3
- 4
- 5

7. Fiquei bravo(a) porque **o animal** que morreu me abandonou.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

8. Foi difícil dormir depois que **este animal** morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

PARTE II: SENTIMENTOS DO PRESENTE

A partir de agora, responda os itens a seguir, colocando um X na letra correspondente. Considere como você se sente em relação à morte **deste animal**, atualmente. Por favor, não olhe as respostas que você deu na Parte I.

1= Completamente verdadeiro

2= Mais verdadeiro que falso

3= Nem verdadeiro nem falso

4= Mais falso que verdadeiro

5= Completamente falso

1. Ainda choro quando penso **no animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

2. Ainda fico triste quando penso **no animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

3. Não consigo aceitar a morte **deste animal**.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

4. Às vezes sinto muita falta **do animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5

5. Ainda hoje é doloroso lembrar **do animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

6. Estou preocupado(a) de tanto que eu penso **no animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

7. Controlo o choro quando penso **no animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

8. Na minha vida, ninguém vai ocupar o lugar **do animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5

9. Não consigo parar de pensar **no animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

10. Acho injusto que **este animal** tenha morrido.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

11. Pessoas e coisas ao meu redor ainda me fazem lembrar **do animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

12. Sou incapaz de aceitar a morte **deste animal**.


- 1
- 2
- 3

- 4
- 5

13. Às vezes, ainda sinto vontade de chorar **pelo animal** que morreu.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Anexo 5 – Tabela referente às descrições das opiniões, desabafos e/ou sugestão dos respondentes.

Participantes	Deixe aqui sua opinião, desabafo e/ou sugestão.
Participante 10	Depois que meu cachorro morreu tive muitas crises de ansiedade me senti como se fosse um criança desamparada apenas chorava e não queria comer, se passaram 3 meses as vezes ainda tenho esses episódios principalmente quando aparece aquelas postagem de lembranças de anos atrás
Participante 13	É difícil no momento da perda, se expressar sem sentir um pouco de vergonha por ser um animal e não um ser humano. Mas a dor da perda é enorme.
Participante 20	Sinto falta dela todos os dias.
Participante 22	Minha gata teve um carcinoma de célula escamosa muito agressivo e inoperável. A morte dela era esperada, apesar de termos feito tudo e mais um pouco para a sobrevivência e o conforto dela. Chegou um momento que a eutanásia foi necessária, porque o sofrimento dela era de partir qualquer coração. Talvez, por esse motivo esse tenha sido um luto mais fácil de aceitar. Não mais fácil de viver, mas mais fácil de entender.
Participante 30	A morte da minha cachorrinha foi mais um dos motivos para eu seguir na área de medicina veterinária atualmente. Ainda não compreendi a morte dela, pretendo estudar o pq de ter acontecido
Participante 32	Já perdi dois cachorros muito próximos, sinto saudades. Hoje tenho uma novata adotada em casa. Mas cada tem sua característica e seu espaço. Eles renovam a energia. Sim, sou mãe deles !
Participante 36	Muito bacana a iniciativa com esse questionário! E Muito difícil relembrar de um bichinho que se foi, ainda mais quando ele era como um membro da família, pois eu cresci junto com ele, e relembrar do que aconteceu ainda dói, ainda mais da forma que ele se foi.
Participante 41	Perdi meus pais em um acidente de carro. Achei que nunca iria experimentar uma dor tão intensa. Mas a dor de perder minha cachorrinha foi quase insuportável a ponto de resolver nunca mais ter um animal de estimação.
Participante 44	Minha gatinha morreu atropelada quando fugiu de casa de madrugada, o irmão dela fugiu junto e quando achei ela pela manhã me deparei com ele deitado ao lado da irmã morta e essa cena me parte o coração até hoje, não consigo me esquecer da dor que senti quando vi, foi ano passado mas ainda me dói muito e sinto falta todos os dias... o fato é que estou cursando medicina veterinária por ela, pra poder fazer por outros animais o que não consegui fazer por ela...
Participante 45	Eu me emocionei respondendo, como já esperava, mas agradeço! Um trabalho muito importante. Desejo sucesso
Participante 50	Sinto muita falta dela, demorei mais de um ano para aceitar outro gato na minha casa, ainda consigo vê-la pela casa, nada e nenhum outro gato, irá substituí-la, mas fiquei mais tranquila quando adotei uma filhote para suprir a companhia. Engraçado, que ela (a filhote) tem os mesmos costumes e muitas vezes, lembra a minha mingalzinha. Me sinto mais confortável hoje, mas jamais esquecerei os momentos que tivemos juntas.
Participante 55	Faz muito tempo q perdi este animal, na época tinha mais cães q supriram em partes a perda
Participante 59	Espero que Deus faça justiça a pessoa que tirou a vida do meu  Gatinho inocente...
Participante 64	Como os animais que perdi já estava com uma doença grave e em muito sofrimento, entendo a morte dele, mas ainda me emociono quando lembro e sinto a sua falta. Sei que o melhor para ele foi morrer, para acabar o sofrimento, mas também sei que ele nunca será substituído, porque cada ser que passa nas nossas vidas é único, desde os animais, até as pessoas, porém, não é algo que me perturbe ou me atrapalhe de seguir a vida, só sigo com as boas lembranças do tempo que passei com ele e o aprendizado: dos momentos de dor com a evolução da doença; do acompanhamento do tratamento; e depois lidando com o luto e a dor da perda. Já perdi vários animais de estimação e sempre é doloroso no momento, mas a vida segue e quando penso que eles não estão mais em sofrimento, é o alívio para seguir a vida em paz.

- Participante 65 Todo animal que temos como filho é único na vida da gente. A **minha cadela** foi uma filha pra mim que sofri demais o luto dela, **ela** viveu vários momentos comigo, ela descansou e não sofreu graças a Deus!
- Participante 66 Animais pra mim são mais que amigos
Como os animais que perdi já estavam com uma doença grave e em muito sofrimento, entendo a morte deles, mas ainda me emociono quando lembro e sinto a sua falta. Sei que o melhor para ele foi morrer, para acabar o sofrimento, mas também sei que ele nunca será substituído, porque cada ser que passa nas nossas vidas é único, desde os animais, até as pessoas, porém, não é algo que me perturbe ou me atrapalhe de seguir a vida, só sigo com as boas lembranças do tempo que passei com ele e o aprendizado: dos momentos de dor com a evolução da doença; do acompanhamento do tratamento; e depois lidando com o luto e a dor da perda. Já perdi vários animais de estimação e sempre é doloroso no momento, mas a vida segue e quando penso que eles não estão mais em sofrimento, é o alívio para seguir a vida em paz.
- Participante 69 Após a morte do cachorro minha avó que já apresentava sinais de Alzheimer piorou muito. Tivemos que adotar outro cachorro logo em seguida, que virou um filho pra ela. Hoje o cachorro está aqui e minha avó segue acamada, com último grau de Alzheimer, mas o cachorro não sai do lado dela.
- Participante 75 Infelizmente meu gato morreu envenenado por um vizinho, que já fez isso várias outras vezes, com vários outros gatos.
- Participante 78 Quando criança eu já tive muitos animais de estimação que morreram, peixes, cachorros, pintinhos, galinhas, entre outros...Mas nenhuma morte dessas foi tão marcante quanto a do meu coelho, eu sempre tive sonho em ter um coelho, e ganhei dois de uma vez...Eu era muito apegada a eles, e em um dia eu acordei e fui procurá-los e só encontrei um...fiquei muito desesperada com meu coelho que sumiu misteriosamente...e alguns dias depois veio a notícia que um gato tinha matado meu coelho e estava comendo ele em um galpão perto de casa, foi desolador...eu nunca chorei tanto na vida, perdi minha bisavó antes deste fato que amava muito e a dor não foi sequer perto disso, depois desse fato nunca mais me apeguei a nenhum animal, adoro bichos...mas não me apego por conta dessa experiência dolorosa, ficou marcado em mim essa morte repentina e cruel de uma criatura tão inocente.
Hoje tenho um cachorro e tenho certo apego a ele, mas não consigo dar 100% de mim.
- Participante 80 Excelente, ainda será que o luto teria relação com o apego ao pet? Colocaria esta pesquisa junto do questionário laps quem sabe que é aquele de apego, que estou pensando também na unisa só que em outra vertente, porém creio q pode casar com essa aqui, abraço do Vitor da med
- Participante 82 Me sinto triste ainda quando penso nele, tinha um carinho especial por ele e infelizmente tive que mandar eutanasiar pq o tratamento dele não pode ser realizado por falta de diagnóstico segundo a oncologista. Seu estado piorou muito em duas semanas e procurei 5 clínicas para me ajudar. Isso me criou uma revolta na época, mas o meu conforto veio pelo fato de eu ter feito o que pude por ele a vida toda.
- Participante 83 Gostaria de parabenizar pelo projeto e pela iniciativa, mais do que necessário tratar desse tema e abordar o assunto com a ênfase em se preocupar com a comunidade e sua saúde psicológica relacionada à proximidade afetiva com seus animais. Se possível gostaria de ver o rumo e desenvolvimento do projeto e o resultado final
- Participante 85 Meu cachorro faleceu um mês antes de começar a cursar veterinária, infelizmente carrego um peso muito grande por não ter conseguido salva-lo. Perder ele tão perto desse momento em que iria começar a aprender a salvar vidas me faz pensar muito se seria capaz de ter visto antes os sinais e salvar a vida dele. Hoje o carrego como meu maior propósito na medicina veterinária
- Participante 91 Ainda dói muito, ela merecia uma vida tão mais longa e feliz.
- Participante 92 É uma dor surpreendentemente inexplicável, apenas quem tem esse amor é capaz de entender
- Participante 100

- Participante 104 Meu animal não era um Pet, era uma filha. A sociedade não está pronta pra entender o que essa perda significou pra mim, e ter filhos humanos pequenos (1ano e 4 meses) dificultou que as pessoas aceitassem o meu luto. Ainda não me conformo, tive crises de ansiedade e angústia repetidas vezes e estou tentando aceitar fazendo psicanálise.
- Participante 106 Desde que eu me conhecia por gente eu convivia com o meu cachorro, entrei na medicina veterinária por conta dele e durante o curso percebi que minha família e eu mesmo por certo tempo havia negligenciado muita coisa, nos últimos anos de vida dele ele acabou se tornando quase que uma sombra do cachorro que eu sempre conheci, adoeceu por conta de um câncer maligno até chegar o momento em que devido a múltiplas metastases a melhor escolha foi a de eutanasia-lo, não me sinto mal por ele ter partido porque naquele momento aquela era a melhor escolha a ser feita por ele mas fico triste com o fato de quem eu amei tanto teve um final de vida tão doloroso.
- Participante 114 Pet e um parceiro eterno
- Participante 117 É muito triste perder um animal ...mas compreendo que faz parte da vida!
- Participante 120 Dificil não me emocionar quando penso nele. Meu porquinho-da-índia era minha alegria, meu companheirinho, meu despertador de manhã, pedindo verdura, meu fofinho que fazia estripulias e meu afago de todos os dias. A morte é inevitável, né? Um dia todos vamos. Acho que ele foi cedo demais. Queria ter passado mais tempo com ele aqui, dando todo o amor que ele merecia. Hoje penso nele com o mesmo amor e certa saudade, a dor da perda existe, mas de forma leve e esporádica. Espero um dia rever ele. Quem sabe, né? Embora não tenha religião, minha crença me permite acreditar nisso.
- Participante 126 Linda a iniciativa do estudo, pra um assunto tão comum e pouco abordado, principalmente na veterinária.
- Participante 130 Como era um passarinho e foi dado por meus pais qd eu era criança, e ele viveu até o início da minha vida adulta, qd eu entrei na faculdade eu não ficava mais tão próxima. Hoje em dia eu tenho uma cachorrinha que é tudo na minha vida, ela só tem 2 anos e já fico angustiada só de pensar que ela vai morrer um dia, então acredito que minhas respostas seriam bem diferentes.
- Participante 131 O falecimento da nossa gata de estimação era esperado, por ser um animal idoso. Ainda assim, foi algo que impactou muito. O ultimo mês de vida dela, quando eram necessários maiores cuidados em saúde e também os primeiros meses seguintes ao falecimento foram difíceis. A recordação hoje em dia é de saudades e da falta que a companhia dela faz na rotina.
- Participante 132 Respondo pela segunda vez, trazendo a visão da perda da minha primeira cachorrinha na vida, que me ensinou muito. Foi a primeira vez que presenciei a morte, ao torno dos 10 anos, e me lembro da rotina inteira deste dia até hoje, 3 de dezembro de 2015. Mas, contudo, acho que era muito pequena ainda pra me lembrar exatamente dos efeitos pós morte. Só sei que consigo perceber mudanças entre uma perda aos 10 anos, e outra na adolescência, então achei interessante responder duas vezes (apesar de ter outras perdas de animais durante a vida, infelizmente). Boa sorte na pesquisa!!
- Participante 134 Parabéns pelo questionário, está sendo um assunto muito abordado agora que é de extrema importância, a dor de perder um animalzinho é indescritível, ainda mais quem estava ali todos os dias, com os olhinhos de jabuticaba mais lindos do mundo, que fazia xixi quando chegava em casa, latia, era a alegria da casa. Apesar de nenhum outro animal ocupar o espaço dele, os novos bichinhos preenchem um pouco do vazio e fazem a gente ser mais forte a todo dia.
- Participante 135 Me sinto triste por não ter tido chance de salvá-la. Ela teve parada cardíaca fulminante e o meu outro gato ficou triste e solitário
- Participante 137 Meu cachorro já era idoso, eu não sofri tanto pela morte em si, mas a forma como morreu. Na época eu não tinha condições de pagar veterinário e ele passou mal de madrugada e eu sem saber o que fazer entrei em desespero e ele veio a óbito. Ele merecia um final melhor. Te amo, Xuxu! Ok, agora eu tô chorando.
- Participante 140 adorei a pesquisa!

- Em questão a não aceitar o falecimento deles é uma coisa bem complicado, não se dá para imaginar quando o nosso querido animalzinho irá partir. E no caso deles (sim perdi 2 cachorros no mesmo dia pela crueldade humana), não consigo imaginar ou se quer entender por que tanta maldade com dois bebês que não faziam nada a não ser brincar. Um pouquinho sobre os dois, a **cadela** tinha por volta de 6 meses (antes ela sofria maus tratos e a resgatamos PUG misturado com SRD) e o **cachorro** tinha 1 aninho (foi resgatado da rua enquanto era filhote por volta de 2 meses de vida SRD), foi uma dor absurda receber a notícia do que havia acontecido e a dor maior foi ouvir como ocorreu, por que a primeira lembrança que vinha em mente era eles correndo para receber carinho e colo quando chegava do trabalho, aquela linguinha pra fora e o rabinho abanando, e em pensar que sai para trabalhar com os dois juntinhos felizes dormindo e quando voltei me deparei com aquela cena.. com certeza foi um dos piores, se não o pior dia da minha vida, eles eram como filhos para mim.. e amarei eles eternamente.
- Participante 145
- Mesmo pela dor, senti no momento de sua morte, que ela aguardou todos da casa estarem juntos para se despedir, e que foi muito calmo o momento. Sinto muito sua falta, mas não com sofrimento, mas sim como carinho. Sinto que ela está bem, onde estiver
- Participante 146
- A morte de um pet é dolorosa ao ponto de nos deixar fragilizados por um tempo considerável. Algumas não demonstram tanto, coisa que não significa que elas não sentem, já outras expressam completamente sua tristeza. Algumas pessoas julgam isso como exagero para "um animal" mas faz parte da nossas famílias, é uma vida, um companheiro, um amigo. A primeira vez que perdi minha querida nina foi uma sensação horrível. Na época eu não soube de primeira, já que eu estava viajando com a minha vó, só depois que minha mãe havia me contado o ocorrido. Ela tinha câncer de mama que avançou muito rápido nos impedindo de fazer alguma intervenção
- Participante 155
- Meu pai ficou desolado por alguns meses, indo no quintal olhar onde a Nina costumava tomar sol todas as manhãs. Minha mãe também sempre olhava para entrada da cozinha onde ela costumava ficar a observando. Enfim, a morte de um pet é verdadeiramente dolorosa
- Bem eu resgatei a minha cachorrinha de uma senhora pq ela era criada para procriação, então ela vivia em uma gaiola e só saia pra fazer suas necessidades ela dava filhotes um cio sim e um não, quando ela parou de dar filhotes por um problema como o câncer que ela tinha nos ovários (que eu só descobri depois de 6 meses dela com a minha família) a dona dela decidiu que era a hora de substituir se eu não tivesse adotado ela, provavelmente ela seria jogada na rua como se não significasse nada, ela veio cheio de traumas e com muito medo de humanos, ela viveu cmg por cerca de 6 anos, e nesses anos tenho certeza que ela foi muito bem cuidada e amada, ela morreu por causa de problemas cardíacos mas até os últimos momentos dela eu estava lá.
- Participante 156
- Tive mais tempo com meu animal de estimação do que sozinho em minha vida, as vezes é difícil
- Participante 157
- Quando perdi a Nina, eu morava com meus pais e era muito nova foi bem doloroso pela situação. Mas me recuperei logo. Mas tenho outra animal de estimação que trato como uma filha, não consigo nem pensar em perde-la. Acho que cada vez mais os pets vem ganhando espaço emocional dentro das famílias, principalmente para pessoas que moram sozinhas, ou para pais e mães que já não tem mais filhos em casa.
- Participante 158
- Tudo depende de como se vê a morte tanto de um familiar ou como um Pet. A vida segue seu curso natural, um dia iremos morrer alguns vêm como fim da vida eu já vejo como um novo começo. Todos os seres desse mundo estão num processo de aprendizagem onde a dor da perda faz parte dela.
- Participante 165
- Assim que este animal partiu no dia seguinte já adotei outro e depois foram mais 2.
- Participante 175
- So um pouco choroso ,pois lembrei de td de novo doi muitoela era minha filhinha muita sdd do meu amor
- Participante 177

- Participante 179 Meu gatinho foi atropelado pelo meu melhor amigo, na porta da minha casa, na frente de toda a família. Foi acidental e muito dolorido, nenhum outro gatinho ocupa o lugar dele.
- Participante 181 Meu atual cachorro é que acabou ficando mais próximo de mim, a primeira coisa que faço quando acordo e a última quando vou dormir é fazer carinho e ficar perto dele. Atualmente ele tem 5 anos, e só de imaginar que um dia ele vai partir meus olhos se enchem de lágrimas, não sei o que faria sem ele.
- Participante 185 Minha cadela morreu quando completou 15 anos devido a um câncer de mama e complicações à idade já avançada, ela esteve comigo durante toda a minha vida e todos os dias penso nela. Hoje dói menos pensar nela e ninguém vai substituir a ligação que a gente teve, mas eu estou aberta sempre a dar amor e carinho para outros animais, que é um dos motivos do porque eu faço medicina veterinária. É por ela com certeza.
- Participante 190 Foi bom lembrar dele!
- Participante 194 Meu nome é *, tenho 37 anos e perdi minha cachorra um mês antes de perder a minha mãe. Foi extremamente doloroso, porque eram ambas especiais e únicas em minha vida. Mas acredito que devemos agradecer, por poder ter vivido com elas duas. Não comparo jamais um animal como uma pessoa, mas não há como negar que o amor de um animal por seu dono e vice versa, é puro! Jamais esquecerei da minha gorda peluda.
- Participante 198 Ela era Maltês, teve uma boa vida cercada de carinho e cuidados, companhia humana e de outros animais, morreu devido a idade avançada durante o sono. Sim não esqueçamos, mas sabemos que demos o nosso melhor.
- Participante 212 A perda de um animal de estimação que se tornou parte da família é muito dolorosa e deve ser respeitada.
- Participante 221 Já tive algumas perdas (cachorro, gato, passarinho). O que me deixa triste em relação à isso, ou até mesmo quando eles adoecem é a falta de empatia. Por diversas vezes ouvi coisas do tipo: "nossa pra quê chorar?" É só um animal! "Pra quê gastar tanto dinheiro cuidando desse bicho?". Comentários que considero absurdo, pior ainda quando é de algum familiar. No meu ponto de vista, acredito que toda perda é dolorosa! Cabe a nós respeitar a dor do outro! Depois de algumas experiências, cheguei a conclusão que muitos gostam de animais da "boca pra fora", os que gostam de verdade, de coração, senti sim aquela tristeza no peito quando eles se vão. Chorei, choro e irei chorar se alguns dos meus peludos me deixar!
- Falem o que quiser falar!
- Sugestão : seria interessante criar grupos, encontros, tipo como se fosse terapia, para as pessoas conversarem sobre suas experiências! É tão bom quando a gente encontra alguém que "fala a mesma língua" saber que pode conversar sem julgamentos, ser acolhida!
- Participante 223 Grata pela oportunidade! Abraços.
- Participante 223 Tenho outro cachorrinho que já está ficando velhinho e já sofro quando penso na velhice dele e que em breve passarei por esse luto.
- Participante 224 Amo meus filhos pet como se fossem nascidos da minha barriga.
- Participante 229 Minha gatinha tinha muita idade.Ficou doente.A morte para ela foi um descanso.Hoje temos uma outra gatinha,que nos dá tantas alegrias como a que morreu.A morte faz parte da vida .
- Participante 231 Eu amava muito minha cadela, mas estava doente e sofrendo muito, então aceitei sua morte porque não aguentava vendo ela sofrer!!!
- Participante 239 Apesar de ter sido uma perda esperada, já que ela estava internada, velhinha e em estado grave, foi muito difícil me despedir da **minha cadela**. Ela ocupou uma parte muito importante da minha vida, estando presente quando passei no vestibular, quando recebi a ligação do meu tão sonhado emprego, quando fui pedida em casamento e em tantos outros momentos, bons e ruins. Sempre que penso nela sinto vários sentimentos como gratidão, amor e muita saudade. Ela ainda me visita nos meus sonhos, o que acaba me confortando por sentir que ela está bem. Vou me lembrar dela e de todo o amor que ela trouxe para nossa família até o meu último dia de vida. 💜

- Participante 243 Triste quando você se vê impotente diante da situação.
A **minha gatinha** tinha menos de um ano de vida quando nos deixou. Ela sumiu por 3 dias e quando finalmente a encontramos, estava sem o movimento das patinhas de trás. Depois de muitos exames e consultas, descobrimos que ela teve uma embolia e que tinha menos de 3 dias de vida. Foi devastador. Não conseguíamos aceitar a morte tão precoce de um animalzinho bom e indefeso.
- Participante 244 Fiquei revoltada, muito triste e angustiada. Na época, ainda morava com meus pais, e pude presenciar a aflição deles em lidar com o falecimento dela. Hoje, quase 4 anos depois, sentimos que ela tinha um propósito muito específico aqui na Terra e isso nos ajuda a aceitar o que aconteceu. Sempre vou me lembrar dela com muito amor e saudade, sempre.
O * morreu atropelado, era um gato de apartamento, quando fomos para uma casa ela achou uma forma de fugir, na terceira vez que isso aconteceu houve a fatalidade. Eu fiquei por dias procurando por ele no condomínio e colocando cartazes até que uma "tia dos gatos" me enviou fotos dele morto atropelado, foi extremamente doloroso no dia, mas já deve fazer mais de 6 anos disso... Acho que lido bem com a morte de uma forma geral... Consegui me libertar disso e fiquei com muita raiva dessa mulher, não queria ver a cara dela... No mesmo dia que ela me mandou fotos **dele** morto ela queria que eu adotasse um outro gato.. e eu só queria chorar em paz... Enfim
- Participante 246 Me dói muito ainda, pois apesar do cachorrinho já ser idoso, passou toda a vida comigo, era um pinscher grudado e ciumento. A forma da morte foi a mais dolorosa que poderia ter acontecido. Entraram em casa, mataram ele com uma pancada na cabeça, pisaram nas costelinhas e depois enterraram no meu quintal mesmo, e deixaram as patinhas e orelhinhas pra fora. Até hoje não consegui descobrir quem e porquê. Isso me deixa inconformada, com a maldade humana. Além de tudo, nunca tinha tido reclamações, ele só latia quando algum desconhecido entrava em casa, a suspeita é que entraram pra roubar, ele latiu demais a pessoa de irritou, porém não sumiu nada de casa, foi a luz do dia, e também não faz sentido a pessoa ter enterrado.
Fiquei muito revoltada quando precisei eutanasiar minha filhinha que não tinha nem 9 anos! Ela teve um fibrossarcoma super agressivo em MTE. Fizemos uma amputação até o úmero em dez/2022 mas em mar/2023 ele estava imenso e os remédios já não controlavam mais a dor dela. Não era possível fazer mais cirurgias e optei pela eutanásia. Não entendi até hoje porque Deus não curou minha pequena. No início fiquei tão revoltada que fiquei vários dias sem querer conversar com Deus! Ele poderia tê-la curado mas não o fez. Hoje ainda espero conseguir entender esse motivo mas não consigo aceitar a ausência da minha filha. Choro no carro quando ouço uma música e lembro dela, tenho fotos no celular e volta e meia abraço os brinquedinhos dela. Tudo na minha casa lembra ela; ainda que tenha outra cachorrinha, a minha Millie era muito especial. Nossa relação não era deste plano, deste mundo! Sempre foi um amor recíproco e inexplicável. Ela era meu grudezinho. Muitas vezes ainda falo com ela. Respondi esta pesquisa chorando porque ainda dói demais a ausência dela!
- Participante 248 Minha **cadela**, a mamãe vai te amar ETERNAMENTE, meu amor! Quanta falta você faz aqui, meu anjinho! A mamãe não te esquece um segundo, viu! Espero que você saiba disso daí de onde está. O que conforta um pouco a mamãe é saber que um dia a gente vai se encontrar de novo, meu amor! Quanta falta você faz! Os dias eram muito mais coloridos com você. Te amo pra sempre, sempre, sempre. Meu nenezinho pitico!
No momento da morte fiquei bastante triste, mas ao mesmo tempo senti que era o melhor que poderia ter acontecido dentro da situação, pois ele ficou internado 8 dias após a picada. Tava tendo bastante complicações, não tava conseguindo comer... Ou seja, era mais sofrimento pra ele continuar vivo.
- Participante 252 meu cachorro morreu de neosporose canina associada a um quadro metabólico.
- Participante 256 **Minha cadela** era minha vida, sempre imaginei que seria a maior luta aceitar que um dia ela iria morrer. Felizmente a morte dela não foi como imaginei, pois sei que era necessário acontecer pela fisiologia da vida, mas agradeço muito por cada momento que passei com ela, e sei que fiz de tudo por ela e ela por mim. Vou
- Participante 257

sempre lembrar dela com felicidade mas com aquele ar de saudade que dá nó na garganta

- Participante 267 Muito bacana esse trabalho. É um luto pouco respeitado em nossa sociedade. O cachorro em caso, viveu pouco tempo comigo, uns 2 anos, mas tenho uma cachorra de 17 anos, realmente não faço ideia como vai ser quando partir, mas só de pensar me bate uma angústia no peito. Ela é mais que um cachorro, é minha
- Participante 268 companheira de uma vida, todos os momentos felizes e tristes esteve do meu lado, ela é mais que uma parte da minha história. Nem gosto de pensar nessa possibilidade, apesar de saber que não está mais tanto tempo para estarmos juntos.
- Participante 269 O que mais me entristece é dele não ter morrido naturalmente. Apesar de saber que a eutanásia foi o melhor para ele naquele momento, isso me entristece muito. - Depois que a minha primeira ratinha morreu gerou um incômodo que eu não entendia exatamente, depois com ajuda de psicóloga reparei que comecei a sentir muito medo da morte, muito medo de não aproveitar a vida, depois que ela foi embora... Tenho meus ratos tatuados, todos que já foram... Mas admito também que foram eles que deram rumo pra minha vida, pra minha profissão e eu só tenho a agradecer por cada pedacinho de mim que foi embora
- Participante 277 Eu era muito nova quando o animal morreu, tinha apenas 11 anos e ela 18 anos. Então eu não sentia que era meu animal de estimação, era mais importante para meus pais. Porém foi um choque nas primeiras semanas, chorava muito, não entendia direito, mas hoje, 17 anos após a sua morte, me sinto bem.
- Participante 281 Meu gato fez de mim uma pessoa melhor. O luto por um animal ainda é super desvalorizado, eu mesma me questionava estar sofrendo tanto, enquanto pessoas ao meu redor tentavam me convencer que era apenas um animal. Ele foi o que mais desejei na vida, além de ser o último elo com a minha infância. E ouvir das pessoas "mas ele já era velho", me fazia ter vontade de sumir!
- Participante 283 O amor nunca acaba, e as saudades são imensas!
- Participante 284 só arrependo de não ter cuidado mais do meu cachorro.
- Participante 288 Nossos animais deveriam ir embora, apenas qd nós também vamos :(
- Participante 289 Quando o animal morreu eu era criança ainda. Acho que não entendia a dimensão e a definitividade da morte. Tendo a aceitar bem a eutanásia dos meus animais (já foram muitas, porque já tivemos muitos animais...). Mas como resgatamos vários na mesma época quase, eles foram adoecendo quase todos juntos; então tive muitas perdas nesses últimos 5/6 anos! Sinto como se tivesse esgotado quase toda a minha capacidade de vê-los doentes, cuidar (naquela agonia de ter que conciliar gastos, necessidade de cuidados intensivos e ter que trabalhar, mentir para chefe...), já fui mais forte.
- Participante 296 A aceitação é um aprendizado
- Participante 297 No meu caso aprendi a lidar com a morte aceitando e sendo grato pela oportunidade que tive ao lado do **cachorro**, invés de reclamar e sofrer pela perda.
- Participante 299 Eu agradeço por ter tido a oportunidade de ter conhecido ele, e do tanto carinho que pude dar e receber.
- Participante 302 A **rata twister** foi meu suporte emocional durante 3 meses, que foi o tempo que viveu comigo após o resgate, ela era tudo no momento mais difícil
- Participante 306 Faz apenas 6 dias que perdi meu companheirinho. Ele foi uma parte grande de mim. Esteve presente comigo em muitas mudanças nos 15 anos que vivemos juntos. Ele nunca deu sinais ou apresentou problemas de saúde e em um mês descobrimos neoplasias que alteraram os órgãos dele. Foi aconselhado a fazer uma cirurgia para poder retirar o baço e na sequência tentamos tratar de forma quimioterápica. Infelizmente ele já estava muito debilitado e resistiu apenas poucas horas após a cirurgia. Um buraco se abriu em mim de uma forma que eu nunca imaginei. Aos poucos estou tentando me recuperar e me manter de pé. Farei uma tatuagem em forma de homenagem e como forma de o manter sempre perto de mim.

- Perdemos a nossa **papagaio**, depois de 42 anos! Ela foi criada recém-nascida com meu irmão recém-nascido também, não foi fácil aceitar, mas situações inesperadas acontecem... tomara que alguém saiba como é bom amar um bichinho também!
- Participante 307
- Participante 310 Era uma égua bem manchinha, boa de pisada, e ela me acompanhava pra onde eu ia ela vinha atrás de mim, ajudava na roça e ainda era a diversão tbm
- Participante 312 Acho o tema muito interessante e muito pouco falado
- Participante 315 O animal era da minha mãe, que sem conhecimento, o criou de forma isolada, sem o sistema de bem estar animal, obeso, sedentário, estressado, adquiriu diabetes e foi ao veterinário já com a doença em estágio avançado. Eu como filho presenciei desde filhote e alertava que poderia ocorrer problemas na saúde do cão. Em um mês o animal adquiriu catarata, ficou anêmico, desidratado e as hemácias começaram a ser expurgados pelo anus. A insulina não fazia mais efeito.. Autorizei a eutanásia pelo nível crônico e irreversível da doença.
- Participante 321 Resgatei dezenas e dezenas de cães abandonados ou em situação de maus tratos, todos que perdi o luto foi doloroso demais, mas eu precisava me reerguer, ter coragem para cuidar dos outros cães doentes/sadios sob minha responsabilidade. Quando perdi minha última cachorrinha resgatada, meu desgaste físico e emocional era imenso, devido ao longo tratamento da doença horrível que ela teve e também por ter sido pressionada em decidir pela eutanásia. Não suportei a ausência e tentei ir com ela. Foi um período doloroso demais
- Participante 332 Minha Akylla tinha 12 anos quando descobrimos o hemangiossarcoma de baço, com metástase em fígado e em outros órgãos. Ela fez 4 cirurgias para remoção de tumores.
- Participante 334 A morte de um animalzinho é muito triste mas muito amenizada qdo se adquire um novo amigo!
- Participante 335 Show de bola esse questionário, espero estar contribuindo para ciência 🤝
- Participante 355 Eu era criança quando ganhei uns pintinhos e apesar do meu esforço todos morreram, menos uma. Ela se apegou muito a mim e eu a ela. Quando eu voltava da escola, ela sempre me recebia. Eu pegava ela no colo e sentava numa cadeira de balanço. Ela sempre dormia em meus braços. Quando algo a espantava, ela corria pra perto de mim. Meus pais eram ausentes pois trabalhavam fora. Fui criada por minha avó que era desprovida de sentimentos por animais. Quando a **minha galinha** colocou seu primeiro ovo, eu fiquei super feliz mas minha avó ficou com raiva pois era muito pequeno. A partir desse dia, minha avó sempre ameaçava matar a galinha pra comer. Eu chorava, implorava pra ela não fazer isso, fazia tudo o que ela mandava, até que um dia quando cheguei da escola, a **minha galinha** não me recebeu no portão e logo senti um cheiro de galinha guisada que odeio até hoje. Nem consigo descrever a tristeza que senti, os dias tristes que passei ao ter que conviver com a pessoa que matou a minha única amiga, aquela que me via, me dava atenção e me amava. 40 anos se passaram e nunca esqueci aquela galinha gorda e amarela que dormia em meus braços.
- Participante 360 Mandei cremar meu pequeno **cachorro** e aí da não consigo me desfazer de suas cinzas fazem 8 anos isso
- Participante 361 A tristeza e dificuldade de aceitação é por achar que poderia ter feito mais, sentimento de culpa. Foi uma evolução rápida, todos os dias estava com ele no hospital, sou veterinária e montei uma uti em casa quando vimos que internado ele morreria sozinho e longe da gente. Fiz tudo o que estava ao meu alcance, mas ainda parece insuficiente.
- Participante 363 Preenxher esse questionário me fez lembrar fortemente do meu cachorrinho q tanto amei e de qm sinto mta saudade! Obrigada!
- Participante 367 Algumas pessoas não compreenderam meu momento de luto pelo animal, sempre falavam que eu humanizava minha filha. Nesse exato momento que respondo o questionário estou no transporte público, e voltei a visitar essas memórias, boas e ruins e estou em prantos. Mas obrigado pela oportunidade da fazer parte da sua pesquisa. Peço a gentileza, quando concluir compartilhe, para que mais pessoas tenha acesso.
- Participante 370 Ter um filho que ja se foi, dói demais, independente do tempo!
- Participante 387 Ter um animal de estimação é saber que ele te espera sempre com carinho.

- Participante 397 Minha **cadela** morreu devido a idade e seu rim parou de funcionar. Ela sofreu um dia. Não tinha o que fazer. Eu aceitei. Eu não queria ver ela sofrendo. Tem perguntas, que não cabem no meu caso. O que me lembra dela são, os locais onde ela ficava, suas coisinhas que ainda não desfiz. Mas muito válido. Boa sorte.
- Participante 400 Muito bom saber que tem pessoas que querem estudar um negócio que é super relativo de pessoa para pessoa.
- Participante 408 Respondendo ao questionário, lembrei do **cachorro** e chorei....eu tenho 26 anos, ele morreu quando eu tinha uns 12...era meu melhor amigo!
- Participante 411 A falta de um animal me faz querer ter outro. Aceito, mas sinto saudade. Não me incapacita de fazer as coisas, mas deixam lembranças. Não consigo ficar se um companheiro, então acabou tendo outro animal, não para substituir, mas para ter a companhia dos pets.
- Participante 420 Informação pertinente ao estudo: Eu me culpo pela morte dela, pois sinto que podia ter dado uma vida melhor para ela
- Participante 422 Chorei só de responder a este questionário, lembrando do meu Naruto... 🐾
- Participante 423 Um estudo pertinente.
- Participante 424 Foi difícil, porque ele morreu inesperadamente
- Participante 430 Sou ciente que a morte faz parte da vida. Tudo que é vivo um dia terminará seu ciclo, a morte só faz parte do ciclo. Ninguém ocupa o lugar de outro.... cada um tem seu lugar exclusivo no meu coração, mesmo que desencadeado o lugar é único.
- Participante 432 Foi a minha primeira companheira, a Lara, era uma filha, uma alicerce para mim. Ainda dói quando me lembro dela, dos pelos e cheirinho dela. Porém estava doente, com um grande tumor no baço, ela sofreu bastante na reta final, então o melhor mesmo, era ela descansar.
- Participante 434 Ao responder o questionário chorei algumas vezes pois ainda dói lembrar da morte da minha gata.... infelizmente eu acabei atropelando ela ao entrar na garagem da minha casa...foi acidental mas me culpo até hoje pelo ocorrido...o que alivia a dor é que apareceu meses antes uma outra gata que acabou se apegando a mim....
- Participante 436 Desejo uma ótima dissertação para vc! E sucesso sempre.... Assim como nós, os animais também cumprem uma missão durante a vida aqui na terra. Missão cumprida, vida que termina. Não podemos ser egoístas e querer que o animal passe a vida toda conosco, mesmo sofrendo.
- Participante 437 O **cachorro** partiu há mais de 10 anos. Ele era terrível. Não aprendia as coisas... fazia xixi por tudo quanto era lado e era um destruidor. Mas perde-lo foi uma das coisas mais tristes pelas quais já passamos. Ele viveu 18 anos.. e o dia q minha mãe me ligou no trabalho dizendo que ele estava partindo, sai no meio do expediente. Peguei um taxi e fui para casa. Foram 18 anos de vida.. convivi com ele mais do que com o meu pai. E hj, anos depois, ainda tenho saudades dele. Mas sou muito grata por todo o tempo que estivemos juntos. Demorei 10 anos para conseguir pensar em ter outro bichinho de estimação. Hj eu tenho a Bárbara... uma maltês linda que enche o meu coração de amor e alegria. Ela já vai fazer 2 aninhos e, sem sombra de dúvida, é a mais mimada aqui em casa. Bárbara foi a responsável por me tirar de um quadro de tristeza muito grande que eu estava passando. Ela, como todos os animais, é luz, alegria e amor. Não consigo me imaginar perdendo ela.. por qq outra razão que não seja ela bem velhinha, numa cama.. depois de uma vida muito bem vivida. E, mesmo assim, com toda certeza, vai doer pra caramba. Mas faz parte. Só temos que agradecer pela companhia.
- Participante 438 A minha gata tinha 20 anos e os rins pararam. Precisou num determinado momento sacrificar para parar o sofrimento dela. Era uma filha e companheira. Sofri muito o luto foi doloroso, mas eu aceitei e compreendi que aquele era o momento dela ir. Pedi direção a Deus sobre o que eu deveria fazer antes de decidir sobre o sacrifício. Guardo até hoje algumas coisas dela que estão sendo usadas agora pela minha gata atual. Tenho mais de 1000 fotos do curso todo da vida dela, afinal foram 20 anos de convivência. Choro ainda de vez em quando, mas não mais doloroso. Obrigada por ouvir.

- Participante 443 Pelas minhas respostas pareço fria, mas nos 2 casos que tive elas estavam mto velhas, debilitadas. Sofriam, não andavam. Tivemos que fazer eutanásia. Claro que foi triste, mas compreensível
- Participante 445 Perdi minha primeira cachorrinha há 1 dia. Foram ótimos 12a. Duas semanas atrás fizemos um exame de ultrasson e descobrimos uma neoformação no jejuno. Infelizmente progrediu muito rápido, uma piora significativa. Programamos a cirurgia mas em família decidimos fazer-la descansar e evitar o sofrimento do que haveria de vir. Ainda é muito recente e estou confuso sobre a decisão. Enfim, ela foi muita amada por nós e estará sempre em nossas memórias. RIP *.
- Participante 455 Boa sorte com o projeto. Um abraço para meu professor Arlei. Achei bem interessante o questionário, mas teve algumas perguntas que achei difícil responder por não concordar com as respostas oferecidas
- Participante 459 A dor da separação dura muito tempo, mas depois fica a saudade e as lembranças de bons momentos que passamos com esse ser querido.
- Participante 460 Eu tive esse peixe quando eu era muito nova, por isto acredito que este seja o fato dele não ter vivido tanto, já que eu não tinha a mínima noção de como cuidar de um, minha verdadeira paixão sempre foi por felinos. Entretanto, só fui ter um recentemente, ele é meu tudo e com certeza no dia que ele se for vai doer como nunca.
- Participante 464 Também quando eu era criança (muito antes de eu ter o peixinho), tinha uma gata que era da minha vizinha, porém ela não cuidava tão bem da gata então eu peguei esta responsabilidade para mim. Alimentava, dava amor e até banho (antes de descobrir que gatos não precisam disto). Um dia ela apareceu em minha casa tarde da noite, miando muito e quando meus pais e eu fomos ver ela tinha trazido um filhote. Depois disto nunca mais vi a gata que frequentava todos os dias a minha casa, até hoje quando me lembro dela sinto saudade e curiosidade de saber o que aconteceu; definitivamente ela foi quem despertou meu amor por felinos.
- Participante 464 Sucesso em seu projeto e parabéns pela escolha!
- Participante 466 Ainda não consigo falar sobre a perda da minha **cadela**
- Participante 467 O **gato** era o gatinho que mais amei e ainda amo. Ele era tudo pra mim, e sinto sua falta sempre. Hoje em dia é menos triste, mas a saudade é grande.
- Participante 471 Muito importante lembrei muito do meu cachorrinho
- Participante 474 Era um animal muito querido, mas entendia a sua situação e trabalhei bem a partida dela da minha vida
- Participante 475 A **cadela** foi a última cachorra da família, após sua morte, não tivemos mais. Agora sou casada e temos 4 cachorras que considero como filhas. A mais velha tem 14 anos e fico com medo da minha reação perante a morte dela.
- Participante 476 A morte dele ocorreu com auxílio da eutanásia, foi tudo muito rápido, no começo eu não conseguia me livrar da dor de ter perdido, mas com a chegada de um novo membro na família tudo ficou um pouco mais fácil, e me sobram mais as lembranças boas do que as tristes, aceito a partida dele, infelizmente vão antes do que gostaríamos, mas ele foi um filho muito amado, sinto muito a falta dele até hoje, mas hoje, 3 anos depois, eu consigo falar dele sem sofrer, só amor e saudade do meu filho *.
- Participante 478 Sinto que o que me deixou mais triste no momento da perda da minha cachorra foi o fato de eu ter que tomar a decisão de fazer a eutanásia. Já havia perdido dois animais desta forma e não queria repetir esta experiência. Ela já estava doente há um bom tempo e sofrendo muito. Então conscientemente eu senti alívio por ela , e por nós que cuidávamos dela pararmos de sofrer, mas é claro que às vezes eu sinto muita falta da presença , dessa cachorrinha, em especial, na nossa vida.
- Participante 484 A morte do **cachorro** foi inesperada. Ele era um cachorro muito saudável. Atribuo a morte dele ao remédio Bravedto. Ele passou mal após ter tomado o remédio. Melhorou por algumas semanas e logo em seguida o quadro só se agravou.
- Participante 490 Meu cachorro teve uma vida muito boa, sempre soube q ele iria morrer antes de mim. E penso q é sempre melhor o animal ir antes de quem ele ama, pq não merece sentir falta do ser humano q ainda tem a compreensão do q ocorre.

- Participante 495 Esse pet foi um grande arrimo emocional após separação conjugal, e dos filhos que foram junto com a ex esposa.
- Participante 498 Eu tive um aquário de 200 litros com alguns peixes ornamentais (kinguios). Amava meus peixinhos, principalmente 1 que eu chamava de * com aqueles olhos esbugalhados. Ela pedia comida batendo o rosto no termômetro, deixava fazer carinho nela. Mas infelizmente precisei entregar o aquário, e a pessoa não cuidou. Estes tipos de peixinhos, se não cuidar adoecem fácil. Eu até tinha um aquário hospital a parte. Hoje não tenho intenção de ter novamente, quem sabe no futuro.
- Participante 502 Importante pesquisa.
- Participante 508 Oi professor, tudo bem? Obrigada por postar essa enquete, ajuda a colocar um pouco desse sentimento para fora. Meu gato se chamava *, ele tinha 12 anos iria fazer 13, ele era saudável, e foi morto pela maldade de um humano maldito (me perdoa, mas de pensar me da raiva), infelizmente ele tinha acesso a rua e comeu ração com veneno, fez dois anos que ele morreu dia 28/02 (essa semana). Aí da é muito difícil!
- Participante 509 Minha gata morreu pelo uso indevido de anticonceptivos injetáveis. Deveria haver maior fiscalização, já que são proibidos e ser mais divulgados para a população o que esses medicamentos causam.
- Participante 510 Acho muito bonito o trabalho que estão fazendo. Meu cachorro que perdi me ensinou muito e esteve comigo em momentos muito difíceis onde ele me ajudou a superar as dificuldades e me trouxe paz em alguns momentos. Ele era um anjo na minha vida e de todos os que o conheciam, e eu sei que ele teve a melhor vida que podia enquanto esteve conosco, e que infelizmente os bichinhos não duram tanto quanto nós, mas que o amor que trocamos foi e será eterno.
- Participante 514 Agradeço por poder participar da sua pesquisa. Nunca será fácil passar pelo luto, não importa se é um membro humano ou pet da família... Sempre será alguém importante em nossas vidas.
- Participante 517 Saudades do meu gato *, pelo menos ele deixou um filhote pra tras
- Participante 522 Meu animal de estimação em questão foi uma cadela de 11 anos chamada *. Ela foi muito importante na minha vida, pois cama ganhei de presente em 2010 e desde então ela foi minha companheira e amiga. Adorava brincar, parecia que sentia quando eu estava triste. Eu amava a alegria que ela transmitia quando eu chegava em casa. Infelizmente ela morreu devido à várias complicações de saúde e foi uma trajetória bastante difícil, apesar de ter sido rápida. Tivemos que optar pela eutanásia, pois ela estava sofrendo muito. Até hoje é muito difícil lembrar dela e não sentir vontade de chorar, sentir saudade dela. Já tive outros cachorros e atualmente tenho gato e passarinhos, mas cada animal que passou em minha vida teve seu destaque, sua particularidade e amor individual.
- Participante 526 Nós nos dedicamos ao máximo para tentar salvá-la. Ela passou praticamente meses na clínica, mas ficou claro que ela não desejava permanecer na terra. No último dia em que a segurei nos braços, sussurrei em seu ouvido: "Mavis, você não recebeu amor quando veio ao mundo, sendo vítima que resultaram em sete costelas quebradas. Mas saiba que tanto eu quanto a equipe da clínica, os assistentes e os veterinários, mostramos a você o que é amor e como é ser amada como um bichinho como você merece. Se quiser partir, pode ir. Vou entender se não quiser ficar, mas adoraria que permanecesse. Entendo o quão difícil é viver nessa situação, e quero que saiba que te amo muito."
- Participante 527 Acredito que ela estava esperando ouvir isso, ou alguma coisa do tipo, faleceu no dia seguinte.
- Participante 527 Minha sugestão é de colocar a opção para mais de uma perda, ou especificar se é relacionado a apenas a última perda. Por exemplo, nos últimos dois anos eu perdi dois animais, mas escolhi responder apenas de um pois não teria como falar dos dois.
- Participante 530 Ao decorrer dos dias nos vamos nos acostumando com a falta da solf não dói tanto por que temos mas duas gatinhas mas as vezes pensamos que ela está debaixo da mesa mas vamos nos acostumando.

- Participante 533 Eu sou médica veterinária. Meu cachorro teve uma parada cardiorrespiratória em uma castração. Desisti de trabalhar com clinica veterinária e até hoje sou traumatizada. Nunca mais consegui participar de cirurgias. Hoje trabalho na área comercial. Eu aceito a morte dele, mas foi um dos piores lutos da minha vida. Foi no terceiro ano da minha faculdade de vet. Te desejo um bom estudo! É um assunto muito importante!
- Participante 538 Muito bonito seu trabalho ter um olha para esse período tão triste e delicado Perder um animal de estimação é um processo muito dolorido, conheço meu cachorro desde do momento que conheci este mundo, ele cresceu comigo ao longo de seus quatorze anos, foi minha babá, meu primeiro amigo e meu irmão de quatro patas. Na época que ele faleceu eu fiquei desolada, culpando a Deus e o mundo por ter tirado ele de mim, mas hoje, adulta, com quase o dobro da idade que tinha naquela época, e cursando veterinária, tudo isso me fez entender que ele cumpriu o seu propósito. **Meu cachorro** teve uma vida linda, cheia de amor, carinho e com uma família que o amava mais que tudo e que fez tudo para que ele fizesse uma passagem tranquila e indolor. Eu poderia me sentir injustiçada, poderia sentir que ele não merecia um destino como esse mas eu estaria negando a ele uma parte essencial do ciclo da vida, e não faria sentido negar isso para o meu irmão do coração. Sinto sua falta todos os dias e ninguém vai ocupar seu lugar e pra mim isso não é motivo de tristeza, afinal de um jeito ou de outro, ele continua ao meu lado independente do tempo que passe.
- Participante 541 Achei o tema interessantíssimo. Parabéns! Sou grata pelos 7 anos da minha filha pet Nina na minha vida, ela veio no momento certo pra me ajudar o processo de luto dos meus pais, e sempre ao meu lado, minha companheira, minha filha amada. Mamãe te ama muito e sente muito sua falta 💕 espero um dia que você volte através de outro pet pra ajudar preencher esse vazio enorme que está na minha vida. Minha menina era linda, doce, educada. Um amor, sua vida foi muito breve, mas ela veio nos ensinar o que era o amor incondicional. Sua partida foi muito triste, inesperada, morreu muito novinha, mas foi muito amada no breve período que estive conosco.
- Participante 546 Meu cachorro que morreu me acompanhou desde a minha infância (eu tinha 9) até a vida adulta. Porém quando me mudei para cursar faculdade, ele ficou com meus pais. Nós éramos muito próximos mas a distância fez com que o contato diminuísse. Ele morreu bem velhinho e já estava com dificuldades locomotoras. Sinto nostalgia e saudades quando penso nele, meu coração dói e às vezes choro por lembrar, mas já me conformei com sua ida. Minha tristeza maior é por ter me distanciado dele na velhice. Ele foi um grande companheiro pra mim e jamais me esquecerei dele e de todo amor e consolo que me deu! Por muitas vezes foi meu único amigo.
- Participante 550 Parabéns pela escolha do tema e boa sorte no seu trabalho! Um abraço. Quando meu animal morreu, eu era criança, tinha por volta dos 7 - 8 anos, então minha percepção naquela época era bem diferente do que seria hoje. Tenho uma pet com 10 anos e se ela tivesse morrido, hj minhas respostas seriam bem diferentes. Respondi o questionário baseado no meu sentimento que me lembro à época
- Participante 554 Tinha imenso amor pela minha cachorra, viveu uns 19 anos, bem velhinha. Sinto muito a falta dela, mas vejo como algo da natureza. Foi muito amada e cuidada, ficam as lembranças!
- Participante 559 Perdi em nos últimos anos 3 filhos pets muito amados, aqui respondi somente 1 deles com 15 anos em tratamento do coração e morreu subitamente em casa do meu lado. o * tinha 13 com tratamento paleativo morreu em minhas maos e a * com 12 anos com infecção generalizada q tive q fazer eutanasia p nao tinha mais o q fazer e estava em sofrimento, todos deixam saudade, pensamentos de que é se eu tivesse feito isso , será que errei em algo, será que a veterinaria prescreveu a medicação correta. Mas saber q estavam do meu lado na hora da morte , sendo acariciados , eu falando para irem em paz me traz um alivio grande no coração o que me fez enfrentar o luto com mais serenidade. Espero ter colaborado com a pesquisa.
- Participante 562
- Participante 563
- Participante 564

- Participante 566 Levei 2 meses para autorizar a eutanásia, e até hoje questiono se foi a decisão certa, mesmo sabendo do sofrimento do cão, pois o câncer já havia se espalhado, ela estava paraplégica e havia um tumor visível saindo pela cavidade abdominal
- Participante 569 Tema interessante de ser abordado
Estou lendo um livro: A Promessa de um Amigo (só o amor de um Cachorro pode curar uma Família). Acredito que a **cadela** (minha amada filha PET) veio ao mundo para me ensinar a ser mais paciente e ter mansidão. Sinto ela como um Anjo enviado de Deus na minha vida. Infelizmente fui perceber isso somente quando ela partiu. Fui tendo algumas lembranças de momentos juntos e aí que fui percebendo através dos detalhes. Detalhes como me olhava, como me protegia. Ela tinha um senso de responsabilidade e obrigação comigo. Precisava sempre saber onde eu estava, isso fazia de mim um Homem feliz, era um prêmio pra mim, um troféu, era mais que isso, era uma benção na minha vida. Ah! Quantos momentos. Tantas lembranças. Quantas saudade. Anjos são extensão das mãos de Deus. Eu a amo.
- Participante 572 Perder um animal que se torna família e que vc o ama é difícil, porém temos que entender oq é melhor para eles. Seremos egoístas se escolhermos deixar ele sofrer para ainda ter a companhia deles. Porém o amor que sentimos por aqueles que já foram sempre ficará em nossos corações.
- Participante 573 Morreu, morreu 🐾
Minha cachorra morreu há 11 anos atrás. Ganhei ela com 10 anos e quando ela morreu eu tinha 23 anos. Ela morreu dois meses antes do meu casamento. Fiquei muitos anos chorando quando falava dela, mas hoje consigo falar normalmente, mas quando vejo uma foto sua, sinto saudade. Quando adotei minha cachorra atual, tive um sentimento de rejeição...muito estanho, queria devolver ela, mas não conseguia fazer isso, pois sabia que era errado. Fui tentar entender na terapia e percebi que eu ainda não tinha superado a perda da minha primeira cachorra, eu não queria sofrer de novo.
- Participante 597 Ainda choro quando lembro da minha Neguinha tão querida... Ela desceu junto com meu esposo para fazer suas necessidades matinais e ouvi um barulho de carro acelerando, no meu coração já tinha certeza que algo de ruim tinha acontecido... Quando descii ainda peguei seu último suspiro. A criatura maldosa passou os dois pneus em cima dela porque ele quis, simplesmente assim. Não houve sangue, ela se foi perfeita, ainda não acredito no que aconteceu e fico imaginando ela aqui com a irmã, hoje com 14 anos que escapou por muito pouco. É um luto que jamais terá fim.
- Participante 599 Único amor sincero que temos. Nossos amigos de 4 patas
- Participante 601 Boa sorte!!
- Participante 605 Não sofri tanto , mas sofri, porque outro pet entrou na nossa vida e com seu amor, alegrou nossa vida
- Participante 611 Entro em depressão qdo perco um pet
A morte do meu cachorro foi mais aceitável pela família pq ele tinha câncer, fizemos tudo o que poderia ser feito e ele foi feliz durante o tratamento.
- Participante 616 Infelizmente ele iria acabar partindo, mas claramente jamais esperávamos essa doença. Hoje ele seria um lindo vovozinho rabugento em casa <3. O nome dele era * era um yorkshire.

- Participante 625 Era meu gatinho de infância, até hoje o wallpaper do meu celular é uma foto dele, eu já tentei trocar mas sinto culpa, com pensamentos do tipo “nao quero que ele pense que esqueci dele” ou “não quero me convencer de que aceitei a morte dele”. Sinto culpa as vezes de estar muito feliz, eu penso “pq eu estou tendo momentos de felicidade se eu perdi meu gatinho?”, “eu não deveria estar sorrindo, não é certo, eu perdi o ser mais importante da minha vida”. Dia 13 de Abril completa 2 anos que ele se foi e eu sinto como se não tivesse passado muito tempo, eu só não quero esquece-lo, mesmo que isso me custe alguns momentos de felicidade. Também desenvolvi estresse pós traumático e tenho alguns problemas de saúde por isso (um deles é o zumbido no ouvido). A questão é que, ele morreu de insuficiencia renal cronica, uma doença bem comum em gatos idosos, hoje em dia sou formada médica veterinaria, mas na época eu estava no ultimo ano da minha faculdade e eu me culpei demais por não conseguir dar soro nele, ele definhou muito e não tinha mais tecido subcutaneo pra dar o sorinho e eu direto errava os furos, alem de ser horrivel ficar furando o proprio gato... enfim, me sinto com uma parcela de culpa pela morte dele. Eu dizia pra ele que ele iria me ver me tornar uma excelente veterinária, mas hoje em dia, mesmo formada não segui essa profissão e comecei a dar aulas de ciências e biologica, não consigo me ver dentro de uma clínica. Última vez que tentei clinicar foi por pressao dos meus pais e na mesma clinica onde meu gatinho faleceu, eu tive crise de despersonalização. Enfim, não sei se alguém vai ler até aqui, mas eu acho que eu precisava desabafar, obrigada. Meu Estrella virou uma estrela 💖★
- Participante 643 As vezes é difícil lidar com o luto que não estamos esperando, mas precisamos lembrar sempre das boas memórias que vivemos.
Complementos: na época da morte do animal, eu havia conhecido meu marido há pouco tempo, então ainda não havia criado vínculo com ele. Estava meio que solteira no momento (tenhi apenas 2 familiares vivos). Pelo fato de eu trabalhar com animais, a terapeuta me explicou que como vejo pets todos os dias, isso também dificulta que eu passe pelo luto, embora tenha acontecido em Junho de 2021. Faço terapia, mas não por causa do luto, porém esse assunto da morte dele vai e volta em sessão.
- Participante 647 Eu era adolescente e foi muito difícil aceitar a perda do meu cachorro, ainda mais por ter sido do absoluto nada, ele estava bem, e teve uma torção estomacal. foram anos para eu lidar com isso. Depois de 3 anos, meus pais decidiram ter outro cachorro, fui extremamente contra pois não queria botar ninguém no lugar dele. Tentei por anos não me apegar ao novo animal. Acho que só me abri quando consegui elaborar meu luto pelo meu primeiro cachorro. E com certeza isso me ajudou a lidar com outros lutos de pessoas queridas na minha vida depois.
- Participante 655 Minha gata que morreu recentemente, não foi meu animal mais querido que tive. Tive uma gata, * que morreu com 19 anos. Essa era como uma filha querida. E também tive uma cachorra, *, que morreu atropelada. Sofri muitissimo com a morte dela.
- Participante 660 Essa pesquisa é completamente necessária, e mexeu muito comigo faze-la mesmo que meu luto seja por mais de 5 anos.. ainda dói...
- Participante 663 "Minha *, minha gatinha, onde estiver saiba que nunca esqueci vc. Se hoje sei o que é amar além de mim mesma, foi porque tive vc na minha vida. Eu te amo para sempre"
- Participante 672 Por um tempo, eu decidi não ter mais cachorros e essa foi a minha decisão por muito anos. Agora, com 29 anos e depois de ter me casado e mudado para a nossa casa. Sentimos vontade de adotar um e esta sendo uma coisa maravilhosa.
- Participante 674 Porém, sinto que estou mais amadurecido a lidar com os problemas que poderemos enfrentar mais pra frente. Hoje também aceito melhor a certeza da morte de qualquer coisa que esteja viva. Isso me conforta e me protege de sofrimentos que podem ser bastante danoso por causa da não aceitação da morte.

- Participante 676 Não me lembro quantos anos meu gato tinha, mas acho que ele tinha entre 10/11 anos. E no dia que ele morreu eu fiquei muito abalada, por que eu tinha feito um vídeo dele pela manhã brincando com minha irmã e quando fui no mercado de noite ele estava no muro e chamei ele brincando. E depois meus pais saíram pra resolver uma coisa e quando voltaram ele estava na calçada caidinho já 😞. Eu mal consegui dormir no dia pq minha irmã tinha dormido mais cedo e não sabia, foi saber só de manhã pq meus pais contaram no café. A pior parte foi ter que ir no mercado pegar uma caixa pra colocá-lo dentro, onde acabei chorando nos braços da minha tia que foi atrás de mim. Como a gente tinha adotado uma gatinha de rua que apareceu na nossa porta faziam poucos meses e que ele batia muito, falavam que ela queria tomar o lugar dele alguma coisa assim, e foi muito doloroso o luto, pois ele ficava todo dia no muro de casa e eu olhava todo dia lá com saudades e pela casa. Mas faz uns meses já que aceitei a morte dele, pq ele já estava muito velhinho e a gatinha(*) é muito querida assim como ele era.
- Participante 682 Parabéns pela sensibilidade desta pesquisa
- Participante 684 Uma das piores coisas dessa vida é perder um filho bicho. Para mim é uma dor dilacerante. Tenho e sempre tive vários bichos, mas cada um que se vai, leva um pedaço de mim.
- Participante 685 Gostaria de parabenizar pela iniciativa da temática da pesquisa. Como tutor que vivenciou a perda de seu animal, acho muito válido que temas semelhantes sejam abordados, pois a nossa construção social e cultural na contemporaneidade, para alguns sujeitos, abarcam o convívio com seus pets. Deixo apenas algumas sugestões: senti falta de uma pergunta que envolvesse o sentimento saudade, porque por mais que tenham usado a pergunta que falasse do sentir falta, o termo saudade é algo muito relevante na nossa cultura, mesmo que possua sinônimos semelhantes. Essa minha reflexão, no meu caso especial, vem do sentimento que vivenciei ao relembrar de minha cadela, que me acompanhou grande parte da minha adolescência e início da vida adulta, e perceber que os sentimentos surgem diferentemente a depender do termo empregado. Outra sugestão seria de colocar uma opção de selecionar a faixa etária. No mais, desejo sucesso na sua pesquisa. Tenho saudade por que era um companheiro que me ajudou em reabilitação e sempre esteve ao meu lado, cada ser é único e sou grata pela oportunidade que tive ao lado dele
- Participante 689 Espero poder contribuir com seu trabalho.
- Participante 692 Parabéns pela dissertação. Um tema bastante interessante e dinâmico, nos faz pensar e ir para lugares que talvez não teríamos nem coragem de ir, em nossos pensamentos sobre o assunto.
- Participante 702 Se eu pudesse tê-lo comigo seria muito bom, foi uma decisão muito difícil optar pela eutanásia mas estava com muitas dificuldades de locomoção, comer e visivelmente muita dor. A eutanásia foi uma solução só minha, demais membros da família fantasiaram que o pet não estava sofrendo.
- Participante 704 A morte se deu por evento súbito enquanto dormia, aparentemente não teve sofrimento.
- Participante 705 O afeto era recíproco, morreu por ruptura de útero bicorno, muita dor, perda de consciência até a parada cardíaco-respiratória em casa, minha filha acompanhou tudo com muita tristeza, foi luto coletivo.
- Participante 708 A minha raiva não estava direcionada ao animal ter partido. Ele estava teoricamente bem (só era idoso), precisou internar para fazer um curativo no olho de uma lesão de uma briga com meu gato e na internação adquiriu uma doença infectocontagiosa que o debilitou a ponto da eutanásia ser necessária. Senti raiva e culpei o hospital e os veterinários por alguns meses e me senti culpada por não estar lá no momento da lesão (estava viajando) e por isso ele precisar ser internado.
- Como, também veterinária, eu entendo as dificuldades em manter um ambiente livre de contaminantes, mas naquele momento eu só conseguia sentir raiva. Demorou alguns meses, mas eu aceitei a partida dele e agora lembro dos momentos felizes juntos e sou grata por isso, ele me ensinou muita coisa. Eu precisei de um ano para conseguir adotar um novo cachorro (os meus outros três animais são gatos). Mas hoje estamos todos bem.

- Participante 711 Foi uma dor irreparável, onde me senti muito culpada pois foi decorrente a um procedimento cirúrgico onde ele não resistiu. Hoje ainda dói, mas não na mesma intensidade. Tenho outro gato hoje, mas com comportamento completamente diferente, o que dificultou a adaptação no começo, e em alguns momentos até quis que ele fosse parecido, me culpei por isso, hoje aprecio suas particularidades. A morte do meu animal me ensinou a mudar muitas coisas, e a viver um luto em mim que estava guardado a tempos, onde sofri absurdamente, mas consegui me recuperar, e creio que no final de tudo, pode me fazer bem, ainda que seja dolorido falar dele, pude aprender muito.
- Participante 714 Não consigo amar a nova cachorra como amava a *. Faleceu em 17/01. Faria 13 anos ontem, 01/03.
- Participante 729 *, nossa cachorrinha linda, uma vira lata(a mais linda), que conviveu conosco por 19 anos... Sempre será lembrada pelo cuidado conosco... Amor eterno
- Participante 732 Era uma gatinha muito carinhosa, estava com um ano, foi encontrada morta no quintal da minha vizinha. Causa da morte: rompimento de órgão interno proveniente de chute. Infelizmente não tem como saber quem foi, mas fico triste em pensar na crueldade dos humanos e que ela morreu tentando chegar em casa e pedir ajuda!
- Participante 733 Achei muito legal e importante sua busca de informação sobre esse momento tão delicado que grande parte das pessoas enfrenta. Será uma forma de valorizar os sentimentos da perda e contribuir para a superação da dor. Obrigada!
- Participante 738 Ainda sinto muito a falta dele, mas ao mesmo tempo, consigo lembrar com alegria dos momentos felizes na companhia dele. E assim sinto que consigo seguir em frente
- Participante 743 Meus animais são como filhos pra mim sofro quando partem mas quando o corpo não aguenta mais vai perecer então deixa partir porque temos que pensar no sofrimento dele que está passando pela doença no seu corpo e não nos nossos sofrimentos sentimentais o sofrimento dele é pior então temos que parar de ser egoísta pensando só em nós , e deixa lo partir porque nossos animais sempre deixam uma doce e amorosa lembrança
- Participante 744 Perdi vários animais. Cada um de uma forma com uma idade. Se for possível, posso enviar várias respostas.
- Participante 745 Muito importante compreender esses processos. Infelizmente, as relações com animais de estimação são diferentes e as pessoas que tem os pets muito próximos ou mesmo os que os consideram seus filhos/familiares, não são bem compreendidos durante o luto, pois as pessoas costumam considerar que estão super valorizando algo "simples", afinal "era só um animal".
- Participante 748 Eu perdi mais de um pet em minha vida , em duas situações diferentes perdi 2 animais com pouco tempo de intervalo , por situações diferentes , em um caso foram menos de 48 horas de diferença e no outro menos de 2 meses . Acho que deveria haver possibilidade de marcar mais de uma perda e de marcar perdas de cães e gatos juntamente . Isso porque todas as perdas são dolorosas e o fato de termos outros animais não diminui a dor da perda e nem nos prepara para a próxima perda
- Participante 754 Foi difícil me concentrar na perda de só um dos meus peludos! Em um ano perdi 4! Todos por velhice e doenças relacionadas à idade...dói muito a sensação de impotência e a triste decisão (junto aos veterinários) da eutanásia em 3 dos casos!!! Eutanásia com eles no meu colo!!! Com muito amor!!!
- Participante 775 Minha cachorra sofreu muito com câncer lutamos muito até o veterinário decidiu que o melhor era a eutanásia, chorei muito, mas soube que ela parou de sofrer.
- Participante 776 A dor da perda é grande, vai diminuindo com o passar do tempo, mas nunca deixa de existir e tristeza. Mas para mim o que prevalece é o amor e a saudade.
- Participante 780 Gostaria que as pessoas entendessem que um pet é sim um membro familiar, que dói muito a sua perda
- Participante 783 Minha hamster * fez parte da família, e pra qualquer lugar que eu fosse eu levava ela (ela estava até na minha formatura) desde o dia que peguei ela eu já sabia que o tempo de vida dela era curto (sempre me lembrava que um dia esse dia chegaria) e mesmo achando que estava preparada para essa perda, não eu não estava.

- Participante 787 Gostaria de ler a pesquisa quando o trabalho for publicado. Muito interessante o tema e muito importante para quem realmente sabe o lugar importante que um bichinho ocupa na vida de uma pessoa. O nome da minha filhinha era *. Não tenho raiva, sou grata pelos quase 17 anos que ela esteve com a gente. 💎
- Participante 794 Que Deus abençoe minha companheirinha, onde quer que ela esteja. e difícil depois de 17 anos me despedir dele que foi um filho carinhoso e presente na minha vida. A religião me ajudou a enfrentar este momento e acreditar que ele está sendo cuidado em outro lugar. O amor que sinto por ele é verdadeiro e intenso, perde-lo foi, realmente como perder um filho. A única coisa que me conforta é que ele viveu um ciclo inteiro de vida comigo.
- Participante 804 Espero ter contribuído. Boa sorte
- Participante 808 Foi uma perda significativa para mim.. dói muito pensar na maldade das pessoas.. ele era muito lindo.. 🐾 🐾
- Participante 812 Eu até hoje me pergunto se não deveria ter buscado uma segunda opinião.
- Participante 813 Achei meio confuso como responder as perguntas na última parte do questionário. O meu gato foi envenenado. Até hoje eu sinto um ódio imenso por todas as pessoas da rua onde eu morava, foi exatamente por esse motivo que eu me mudei de lá
- Participante 815 Necessário!
- Participante 821 Animais são uma perda irreparável. São colo e aconchego!
- Participante 829 Faz muito tempo desde a morte dos meus pets, foi difícil lembrar de como eu me senti na época e hoje em dia já lido muito bem.
- Participante 839 Deveria haver mais rigor quanto aos maus-tratos de animais Como acredito na doutrina espírita, a crença de que ele pode voltar. Ainda sinto a presença dele e até vejo a irmã brincando como se ele estivesse aqui. Perdi outros animais e sempre procuro superar a dor com essa crença. Meu Catnoir foi o último. A maioria de meus animais morrem idosos. Isso tbm me conforta bastante. Perder o * aos 5 anos, foi mto difícil. Hj meu pet mais idoso é uma gatinha de 16 anos. Já me preparo para esse momento difícil novamente.
- Participante 846 Os bichos são especiais!
- Participante 847 A dor da perda de um filho/pet é enorme, nunca passa. Por mais que tenhamos outros e os ame não há substituição, a perda é sentida sempre. Diariamente
- Participante 853 Que lindo trabalho. Só quem tem um animal de estimação saberá da dor que é perde-lo. Não foi fácil a perda da minha Amorzinha, mas sei que ela cumpriu sua missão aqui conosco. Aceitei sua partida, mas penso muito nela, não com dor, mas com saudade. Me emociono algumas vezes que lembro dela, mas acredito que faça parte. Lembro mais dos bons momentos que dos momentos finais da vida dela que foram muito dolorosos. Obrigada por permitir compartilhar esse processo.
- Participante 860 Agora mesmo veio muita emoção em lembrar de um animalzinho tão dócil e especial, que foi covardemente envenenado. Dói de uma maneira tão grande a falta dele, sinto falta do carinho e de acaricia-lo, da presença, do miado, do pelo macio, dos olhos azuis e da profunda conexão. Ah que saudade azeda.
- Participante 867 Foi difícil participar desta pesquisa. Principalmente porque evito lembrar por me deixar muito mal. Mas, sei que colaborar é sempre bom. Mas, imaginei outras perguntas. Principalmente as clássicas: você tem outros cachorros? Ainda deseja ter? Trata diferente? Leva nos mesmos lugares? O * era muito especial! Tivemos vários que morreram muito idosos. Hoje temos o **cachorro** Yorkshire de 8 anos que resgatamos, pq estava sendo negligenciado.
- Participante 869 Sou médica Veterinária e lido com o luto quase todos os dias. O luto com os pacientes é um grande desafio visto a todo o apego que ocorre principalmente em pacientes que acompanhamos a um tempo maior. Mas o luto com nossos próprios animais, nossos filhos.. é quase que comparado ao fim da vida, a falta de sentido em tudo, o porque de tudo ter acontecido desta forma. Sou mãe atualmente de 7 animais, meus filhos, e fico pensando em todo sofrimento que terei que passar quando os perder, de como será minha vida sem eles. É algo bem doido, nossos
- Participante 882

animais fazem parte do nosso coração, da nossa alma, da nossa rotina, do nosso tudo! O amor que eles nos passam e nós passamos para eles é inexplicável.

- Resgatamos o **cachorro**, foi abandonado pra morrer amarrado na rodovia, ele era muito inteligente, esperto, carinhoso. Costumava chamar ele de coração, porque ele era o meu coração e hoje falta um pedaço, ele tinha uma doença rara e foi uma grande luta viver com ele, infelizmente ele convulsionava muito então sabíamos que a qualquer momento ele poderia ir, só não queria que fosse tão rápido, dias e noites sem dormir olhando pra ele, medições diárias e medicações de hora em hora. Mas foi o melhor cachorro do mundo, **ele** é eterno. Será sempre lembrado e muito amado
- Participante 883
- “Granado” foi resgatado na marginal Tietê, ficou paraplégico, tinha convulsão, mas estava controlada com os 4 remédios que usava. Cuidei dele por 5 anos, morreu por broncoaspiração após procedimento odontológico. Triste demais. Penso nele, muito. Mudou minha vida e como definir prioridades. Obrigado por me ajudar a desabafar, mesmo fazendo terapia. Sucesso aí na sua tese. Depois me encaminhe a tese completa.
- Participante 886
- Convivi com Lua por mais de 18 anos, sempre juntas. Ela me acompanhava por todos os lugares que eu ia (até para o meu consultório médico), mas a sua morte foi esperada e aceita, porque ela já estava muito idosa e eu não queria que ela sofresse. Não estava doente, mas começando a demência. Foi um dos grandes amores da minha vida!! Tenho muita saudade. Mas o que vivemos foi tão pleno, tão maravilhoso que senti muito, mas aceitei!
- Participante 889
- A maior dificuldade foi ter coragem de fazer a eutanásia e não me culpar por isso. Mas ele já estava sofrendo demais.
- Participante 894
- Eu o amei com todo o coração. Sinto falta dele e acredito que sempre sentirei, porque sempre me lembrarei com carinho do animalzinho que ficou ao meu lado e foi meu companheiro e amiguinho por tanto tempo. Entretanto, todos vamos pelo mesmo caminho. Morrer é inevitável e não consigo sentir mágoa por isso. Apenas o amo por todo o tempo que passamos juntos. O choro vem acompanhado da alegria de ter tido a oportunidade de vivenciar todos esses 13 anos.
- Participante 895
- Os animais, sobretudo os de estimação, nos ensinam sobre a humanidade que muitas vezes perdemos. São grandes mestres e merecem toda a nossa reverência e amor.
- Participante 900
- Às vezes passo o dia bem. Mas chega de noite a dor aperta. Esses grupos de acolhimento estão sendo fundamentais na minha recuperação.
- Participante 902
- Excelente pesquisa.
- Participante 910
- Parabéns pela pesquisa! Muito importante!
- Participante 912
- Eu sinto muito a falta do meu **cachorro**. Ele era apaixonado por mim e vice versa. Entendo que faz parte da vida mas é difícil. Vinha da perda de minha mãe. Emendei um luto no outro e sofro muito ainda. Mas vai passar.
- Participante 914
- Fazer a eutanásia em um animal de estimação é uma situação que nunca gostaria de ter participado, porém ela está sofrendo demais com sua situação de saúde.
- Participante 916
- As perguntas remetem à profundidade de sentimento que pude sentir com o meu cão, o que a torna muito acolhedora
- Participante 918
- Parabéns pela pesquisa.
- Participante 919
- Considero a morte desse animal como o evento que marcou o início do fim da minha infância. A vida segue, mas a saudade dessa cachorra representa mais para mim do que uma companheira incrível, ela representa uma época da minha vida muito querida que se terminou e jamais voltará.
- Participante 920

- Francisquinho foi um gatinho que resgatei com úlceras em ambos os olhos. Foi preciso fazer enucleação bilateral frente ao grave glaucoma. Primeiro, foi difícil pensar em lidar com um gato cego, mas após a cirurgia eu vi o quanto ele era independente e único. Francisquinho me ensinou muito sobre resiliência e amor.
- Participante 928 Meus outros filhos, * e *, sentiram muito a morte dele. A decisão pela eutanásia foi MUITO difícil, mas **o gato** tinha alguma doença que não foi identificada mesmo com muita investigação e tratamentos e ele estava perdendo muito em qualidade de vida. Foram 6 meses de muito sofrimento e muitos aprendizados pra minha vida inteira.
- Hoje eu já aceitei que ele se foi acho q foi melhor para ele do q fica na terra sofrendo, é um pouco difícil pois nunca ele será substituído por nenhum outro e acredito que ele mandou dois anjos para mim . Escolhi a área da saúde animal através de uma promessa que eu fiz para ele antes dele parti 💙
- Participante 930
- Eu ganhei a minha cachorra como presente de aniversário quando completei 9 anos. Ela foi uma importante parte da minha infância e adolescência. Senti mais falta dela do que quando meus avós faleceram. Tenho muito amor por ela e gostaria de ter o entendimento que tenho hoje de veterinária e de necessidades dos cachorros para ter ajudado ela mais. Tenho um pouco de ressentimento porque acredito que poderíamos ter sido melhores com ela. Mas agora tenho a minha própria cachorra (que considero filha) e dou o meu melhor para tratá-la da melhor maneira possível.
- Participante 931
- Na questão sobre a idade do animal: eu nao sei a idade q ele tinha quando o resgatei, mas podemos dizer q ele era senhor. Viveu comigo uns 5 anos apenas, e como era porte gigante, envelheceu absurdamente rapido. Entao acho q teria q ter flexibilidade p responder a idade. Eu sei o quanto eu cuidava dele como se fosse um cristal, conseguia entender suas vontades mesmo nos mínimos movimentos possíveis por conta da idade... ele tinha hemangiossarcoma, era cardio, mas sei q ele n morreu do câncer, morreu de choque cardíaco, pois nenhum vet e inclusive eu, não cuidamos do seu frágil coração. Carrego essa culpa comigo quando deslizei na minha exaustão física: cao gigante, precisava de ajuda p levantar, eu morando sozinha p cuidar dele, tudo caro p suprir o peso dele, mesmo sendo estudante de medvet, encontrei barreiras... Entao sim, minha exaustão fez ele morrer. Apesar de gigante ele era extremamente fragil, e uma pequena alteração nos cuidados com ele era o suficiente p n ter volta. E a cada aula, a cada aprendizado novo na faculdade eu me culpo mais e mais! Moro sozinha no estado do rj, ele era meu filho e minha familia aqui. Te amo *!
- Participante 932
- O animal morreu em virtude de um tumor na mandíbula. Recorremos a tudo que pudemos, inclusive cirurgia, mas após 20 dias, o tumor voltou e foi mais agressivo. A gatinha ia receber horas antes de morrer em meus braços, um remédio para começar um tratamento antineoplásico empírico, sugerido pelo oncologista, mas não deu nem tempo disso. Por conta de tudo que vivenciei, aprendi e questioneei na doença dela, decidi, aos 41 anos, começar a cursar Medicina Veterinária e hoje vejo o quanto isso me ajudou, inclusive a superar um pouco a perda do meu animalzinho querido.
- Participante 933

- Quando a **cadela** partiu , ela estava com carcinoma , já havia feito uma cirurgia 3 anos anos antes mas depois de 3 anos o câncer veio com força total. Ela estava internada alguns dias quando o câncer se alastrou pelo pulmão , deu metástase . A Vet disse que ela não tinha muitos dias de vida . Foi a decisão mais difícil que fizemos em nossas vidas . Naquela manhã de domingo , fomos na visita determinados a levar ela pra casa para seus últimos dias em casa conosco . Mas nos deparamos com ela bem debilitada e com muita falta de ar que se levasse nos ela pra casa naquele dia , certamente não sobreviveria . E então nessa visita no qual o nosso outro filho de 4 patas também estava (ele ia com a gente todos os dias visitá-la) vimos que aquele sofrimento não poderia mais continuar . Ela estava tão inchada que estava difícil de pegar a veia para medicação na internação.
- Resumindo , ela partiu nos braços do meu marido comigo cantando pra ela . Nossa filhinha descansou e o Ferrero quase entrou em depressão por falta da sua irmãzinha .
- Uma das piores dores que sentimos em todas as nossas vidas .
- Participante 936 Espero poder encontrá-lo em outra vida
- Participante 939 Fico triste com qualquer notícia de morte de animal, seja meu ou não! Já faz 13 anos que a minha gata morreu com 25 anos de idade. Porém estava sofrendo e a dor de perde-la não foi maior do que vê-la em sofrimento. Pra mim, os animais não deveriam sofrer para morrer! Eles tinha que dormir e não acordar mais! Eles realmente não merecem sofrer!
- Participante 940 Acredito que desenvolvi um grande vínculo com minha cachorrinha que morreu, considerava ela da minha família. Infelizmente a hora dela chegou e, por mais que eu tenha sofrido bastante, a vida não pode parar. Lembro dela com muito carinho e calor no coração e sei que nenhum outro pet irá substituir seu lugar. Porém, adotei outro cachorro e lhe dou o máximo de carinho possível. Obrigada pelo questionário!!
- Participante 947 Foi um questionário confortante. As vezes é necessário pensar um pouco de forma mais analítica sobre esse tipo de situação. Isso a ajuda no processamento da perda.
- Participante 948 Faz muito tempo que o meu **cachorro** morreu e depois dele tenho vários pets, mas não consigo gostar deles como gostava **dele**.
- Participante 958 É muito importante saber lidar com essa situação já que muitas vezes os tutores consideram o animal como um membro da família e as pessoas de fora quando perguntam sobre a perda podem ser insensíveis a isso. Quando minha gata morreu inesperadamente um familiar próximo não perdia a chance de comentar o tempo todo, inclusive na minha frente, de quanto eu estava abalada e da forma que minha gata havia morrido, como se fosse uma fofoca, ignorando completamente meu luto e como eu estava sensível a esse tópico.
- Participante 961 Sinto falta dela. A **gata** morreu aos 11 anos e 1 mês depois de ter passado mais de 30 dias comendo comida na seringa. Morreu nos meus braços, me abalou muito na época. Viveu comigo desde os meus 10 anos até os 21.
- Participante 963 Acho que o termo "morrer" possa parecer um pouco impactante. Me senti um pouco mal, não pelo tema do questionário, mas, mais pelo termo, ler o termo me trouxe uma sensação de que pode soar "pesado" para outras pessoas também e talvez causar a mesma impressão/sentimento quanto a palavra.
- Participante 964

Participante 965

Meu gatinho * era o meu primeiro animal de estimação. Todos daqui de casa amávamos ele. Ele morreu envenenado pelos meus vizinhos. Eu estava ainda dormindo, era umas 7h00 da manhã e eu só ouvi a voz da minha mãe chorando e a voz do meu pai. Estava chovendo muito por aqui. Foi no dia 31/05/22 onde choveu muito em todo o nordeste e por aqui tava uma tempestade, chovendo muito grosso. Meu Lui veio todo molhado pra casa (provavelmente se arrastando) e estava deitado, caído no terraço quase sem respirar com os olhos abertos. Quando meus pais viram ele ao abrir a porta de casa foi o momento que a minha mãe começou a chorar e eu me acordei com o choro. Dei um pulo da cama e corri pra ver e quando eu cheguei na sala a minha mãe disse que ele morreu. Eu estava em choque, tremendo, apenas voltei pro quarto pra chorar. Infelizmente meu Lui morreu. E eu chorei muito. Eu não conseguia parar de chorar compulsivamente, foi o maior choro que eu já chorei na vida. A mamãe tentava me acalmar também em lágrimas e eu gritava. Queria chorar com todo o ar dos meus pulmões. E eu não conseguia conter as minhas pernas. Eu só queria chorar e chorar. E, chorando, e ouvindo o meu pai cavando a cova do meu Luizinho no quintal. Eu chorei tanto naquele dia que hj não sai mais uma lágrima. A sensação que eu tenho é de que eu chorei tudo o que eu tinha de chorar naquele dia que simplesmente eu não consigo mais sentir dor, ou sair uma lágrima. Eu me lembro dele, e me vem sim, uma tristeza, mas não é algo que me afeta e que me perturba. Eu tenho consciência de que ele era um animal, apesar de ser tão querido e como um membro da família, tinha tantos vídeos e fotos dele, ele tinha a caixinha transporte dele que ele amava ficar, e os brinquedinhos dele que ele amava morder... mas eu creio que o que me faz superar essa dor foi ter desabafado naquele dia e chorado tudo quando eu precisava de chorar sem ligar pras tentativas do meu pai de querer calar meu choro "para de chorar que os vizinhos estão ouvindo vc gritar" , " para de chorar, parece até que foi uma pessoa que morreu" etc... Depois daquele dia eu entendi "na pele" o que é ter a experiência de se sentir aliviada por simplesmente chorar, desabafar. Eu entendi a importância real que vc chorar num momento de luto faz. Não sei da experiência dos outros, mas pra mim foi assim.